

MOACIR GADOTTI  
Chela de Gabinete  
S.M.E. G.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE  
SAO TOMÉ E PRÍNCIPE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL  
E DESPORTOS

COMISSÃO NACIONAL  
COORDENADORA DOS CÍRCULOS DE  
CULTURA POPULAR

CARTAS AOS ANIMADORES  
E ÀS  
ANIMADORAS CULTURAIS

SAO TOMÉ, DEZEMBRO, 1978



Camaradas:

Neste pequeno caderno, juntamos as cartas que, até agora, lhes tínhamos dirigido, a propósito do nosso trabalho político-pedagógico. Esperamos, desta forma, tornar mais fácil a necessária consulta às mesmas. Ao fazê-lo, porém, introduzimos uma ou outra alteração nos textos originais, no sentido de actualizá-los.

Parece-nos importante, finalmente, nesta apresentação, não esconder que somos os primeiros a reconhecer as limitações e as lacunas de que estas cartas se ressentem. A nossa intenção, contudo, ao escrevê-las, jamais foi a de abarcar todos os aspectos e pormenores da prática dos animadores nos Circulos de Cultura nem tão-pouco a de fazer análises exaustivas dos materiais nelas estudados.

A Luta Continua.

A Vitória é Nossa.

São Tomé, Dezembro, 1978.

Comissão Nacional  
Coordenadora dos Circulos de  
Cultura Popular.



## P R I M E I R A   C A R T A

Camaradas:

Esta é a primeira carta que lhes fazemos, com considerações gerais em torno do nosso trabalho e com sugestões a propósito da prática num Circulo de Cultura. Gostaríamos, inicialmente, de deixar bem claro que a única possibilidade de estas sugestões ganharem real significação está em que os camaradas e as camaradas assumam, diante delas, uma atitude crítica. Só assim poderão ser verdadeiramente executadas, do que pode resultar que uma ou outra venha a ser superada pelos e pelas camaradas em sua prática. Se, ao contrário, as sugestões forem tomadas como receitas a ser seguidas sem ser pensadas ou, por outro lado, abandonadas como algo sem importância, em nada contribuimos para o avanço do nosso trabalho, fundamental ao esforço de reconstrução do nosso país.

Estas sugestões não nasceram do acaso, mas da prática em que temos aprendido e em que continuamos a aprender. Esperamos, assim, a contribuição valiosa que os camaradas e as camaradas poderão oferecer como consequência também da sua prática. Enquanto educadores-educandos do nosso Povo, temos de pensar com ele, na nossa prática, os melhores meios e caminhos para ir realizando juntos, a recriação da nossa sociedade, de acordo com os princípios políticos que norteiam o nosso Movimento, o M.L.S.T.P.

### A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS COMO ACTO POLÍTICO

A tarefa a que nos entregamos, a de possibilitar que um grande número dos nossos camaradas, sobretudo nos campos, mas não somente neles, leiam e escrevam, o que estavam proibidos de fazer no regime colonial, é uma tarefa política. A própria



decisão de fazer a alfabetização é um acto político. É preciso estarmos vigilantes com relação às insinuações feitas, às vezes, ingenuamente; às vezes, astutamente, no sentido de nos convencer de que a alfabetização é um problema técnico e pedagógico, não devendo, por isso, ser "misturada com a política".

Na verdade, não há educação e por isso alfabetização de adultos, neutra. Toda educação tem, em si, uma intenção política. Não foi por outra razão que o Camarada Presidente, Pinto da Costa, disse, muito bem, na sua fala, num momento do Primeiro Seminário Nacional de Alfabetização de Adultos, em dezembro de 1976: "Ensinar ao alfabetizando a ler e a escrever a sua própria realidade levando-o a pensar criticamente o seu mundo, levando-o a inserir-se cada vez mais com maior consciência na sua própria realidade em transformação, eis a grande tarefa do educador político. A alfabetização, disse ainda o Camarada Presidente, como método cultural de consciencialização, tem de ter um carácter essencialmente político. Ela deve servir para preparar homens conscientes, profundamente críticos e criar revolucionários capazes de enfrentar, sem vacilar, as dificuldades a encontrar no caminho da construção da nova sociedade. É por isso, camaradas, que sempre chamamos a vossa atenção para o problema da educação no nosso país. Sempre dissemos que não podíamos confiar a tarefa da educação a professores "neutros", "apolíticos". Um educador "apolítico", que não está engajado com a revolução, que não se identifica com os objectivos do nosso Movimento, que não está enfim engajado na luta pela construção de uma sociedade socialista em São Tomé e Príncipe, não serve. Não podemos admitir, acrescenta o Camarada Presidente, mercenários da educação."

É em razão disto que nós, enquanto educadores-educandos do Povo, devemos estar cada vez mais claros com relação à nossa opção política e vigilantes quanto à coerência entre a opção que proclamamos e a prática que realizamos. Claros no que diz respeito ao em favor de que e de quem trabalhamos em educação.



Esta clareza vai aumentando na medida em que, militantemente, criticamente, nos vamos engajando na nossa prática e nela aprendendo cada vez melhor como trabalhar. É a militância correcta a que nos vai ensinando também que só na unidade, na disciplina e no trabalho com o Povo nos tornamos educadores coerentes com a opção revolucionária que proclamamos.

Em São Tomé e Príncipe precisamos sobretudo de militantes lúcidos que se vão tornando, na sua prática com o Povo, especialistas e não de "especialistas" distantes do Povo, dele descrentes, incapazes de com ele comunicar-se.

#### A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS COMO ACTO DE CONHECIMENTO

Sendo um acto político, a alfabetização de adultos, como toda educação, é também um acto de conhecimento. O que queremos dizer com isto é o seguinte: em toda relação entre educador e educando está sempre em jogo algo que se procura conhecer. Não vamos, porém, no momento, falar muito em torno deste problema, cuja importância é indiscutível. Nesta primeira carta nos referimos apenas e de maneira rápida, a alguns dos seus aspectos, como o papel do animador ou da animadora cultural e o papel dos alfabetizandos ou das alfabetizandas no acto de conhecimento de que tomam parte no processo da alfabetização. E ao tocar neste problema, não podemos deixar de insistir, mais uma vez, na indispensável coerência entre a nossa opção política e a nossa prática educativa. Será, por exemplo, que nós, como educadores revolucionários, podemos nos comportar, com os educandos, da mesma forma como o professor colonial, coerente com a ideologia colonialista, se comportava com os "seus" alunos? Diante desta pergunta, a questão fundamental não é a de simplesmente dizermos que devemos ser diferentes do professor colonial, mas a de termos uma prática consciente e totalmente oposta à dele.

Na educação colonial, o educador, em regra, transmitia o "seu"



conhecimento a nós e o nosso papel era o de quem devesse "comer" aquele conhecimento que, ainda por cima, falsificava a nossa realidade, em função dos interesses dos colonizadores. O alfabetizador colonial "ensinava" o b, a = ba, que o alfabetizando repetia para memorizar.

A nossa revolução em marcha exige hoje de nós uma coerência com ela em todos os níveis da nossa acção. Por isso é que já não falamos em "Escolas Noturnas Para Adultos", mas em Circulos de Cultura; já não falamos em analfabetos, mas em alfabetizandos; já não falamos em alfabetizadores, mas em Animadores Culturais; já não falamos em aula, mas em debate, em que é a realidade mesma do Povo, referida nas "palavras geradoras" e representada na "codificação", que se analisa e se discute com ele.

É bom, a este propósito, voltar a citar o Camarada Presidente, na mesma fala antes mencionada: "Um Circulo de Cultura existe já na praia de Monte Mário. Os alfabetizandos deste Circulo são a certeza de que o silêncio já não é possível. Estão criadas as condições objectivas para que, através da prática e da reflexão, um diálogo permanente se estabeleça nos Circulos de Cultura em que as palavras geradoras serão a própria essência do homem dando e libertando-se pelo conhecimento de suas potencialidades."

O papel, portanto, do animador ou da animadora cultural no Circulo de Cultura, numa sociedade em que "o silêncio já não é possível", em suas relações com os alfabetizandos, não é o de quem transfere o conhecimento, mas o de quem, através do diálogo, procura conhecer com os alfabetizandos.

Ao ensinar algo aos alfabetizandos, o animador ou a animadora cultural aprende deles algo também. Na educação revolucionária, que irá substituindo, a pouco e pouco, a educação colonial, em todos os seus níveis, não é possível separar o acto de ensinar



do de aprender; o acto de educar do de ser educado. Por isso é que nos temos referido sempre ao animador cultural como um educador-educando, em diálogo com o alfabetizando, como um educando-educador.

## A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS NO QUADRO DA RECONSTRUÇÃO NACIONAL

É evidente, mas afirmemos, que as finalidades, os objectivos, o conteúdo e o método de conhecer que caracterizam a alfabetização de adultos entre nós, como um acto de conhecimento e um acto político, não podem ser os mesmos da alfabetização que se faz numa sociedade em que as classes trabalhadores se acham submetidas ao silêncio imposto pelas classes dominantes. No nosso caso, pelo contrário, a alfabetização de adultos, de acordo com os princípios políticos que orientam o nosso Movimento, é o empenho em que alfabetizando e animadores culturais, juntos, "lêem e escrevem a sua própria realidade, pensando criticamente o seu mundo, inserindo-se cada vez com maior consciência na realidade em transformação." Quando o Camarada Presidente fala em "ler e escrever a realidade" toca num dos pontos centrais do problema. Quando ele fala em "ler a realidade", em "pensar criticamente o mundo", está se reportando à necessidade de compreendermos a nossa realidade não como uma coisa parada, à qual a gente se deva simplesmente adaptar, mas como algo em movimento, em processo. Entendemos o movimento da realidade quando pensamos, por exemplo, que "ninguém pode tomar banho duas vezes na mesma água de um rio." Quando ele fala em "pensar criticamente o mundo" está se referindo à necessidade que temos de entender a razão verdadeira que explica os factos, as coisas da realidade. Compreender, por exemplo, que não é a "benzedura" que nos defende do paludismo, mas o preventivo que tomamos disciplinadamente, ao lado da luta contra o mosquito.

Quando ele fala em "escrever a realidade, inserindo-se cada



vez com maior consciência nela", está fazendo alusão à prática transformadora dos homens e das mulheres sobre a realidade, não à nossa pura adaptação a ela. Transformação do mundo natural pelo trabalho - limpar os campos, semear, cultivar, colher; tratar a terra para o plantio do arroz, colher o cacau; transformar o barro em tijolo; o couro em sapato; o tronco da árvore tombada em madeira, a madeira em tábuas, as tábuas em barco com que se pesca o peixe que se vende e que se come. Transformação também do outro mundo - o social e o político e cultural. O mundo da organização da sociedade, que não pode ser entendida sem a compreensão de como a sua produção se dá, de qual é o regime de utilização social das suas forças produtivas. A reconstrução da nossa sociedade, a ser feita com o Povo, se funda na reorientação do regime de utilização social das nossas forças produtivas.

É claro, porém, que não vamos pensar em que, na etapa da alfabetização, estes problemas sejam analisados em profundidade. Mas, o que é preciso é não ficarmos no simples b, a bá. É fazermos, com os camaradas alfabetizando, a pouco e pouco, a "leitura", que será uma "releitura" da nossa realidade. Daí que tenhamos de associar a alfabetização à produção e à saúde. De ligá-la, toda vez que possível, a programas concretos de acção dentro das comunidades, em relação sempre com os comités políticos do Movimento.

Isto significa que os animadores e as animadoras culturais, como militantes, não terminam o seu trabalho quando deixam a reunião do Círculo de Cultura. Pelo contrário, o seu trabalho se dá na comunidade mesma de que a sua actividade no Círculo de Cultura é um momento apenas. É importante que animadoras e animadores convivam com o Povo e não somente com os alfabetizando nos Círculos de Cultura. É preciso que vão "lendo", também, a realidade do Povo para que possam, nos Círculos de Cultura, discutí-la com os alfabetizando. Os Círculos de



Cultura são precisamente isto: centros em que o Povo discute os seus problemas, mas também em que se organizam e planificam acções concretas, de interesse colectivo.

E como entendemos a alfabetização de adultos desta maneira, isto é, como acção cultural, a serviço da reconstrução do nosso país e não como um puro ensinar a ler e a escrever, pode haver casos, em certas áreas, em que o nosso trabalho com a população se centre inicialmente, na "leitura", na "re-leitura" e na "escrita" da realidade e não no aprendizado da língua.

Que queremos dizer com isto? Simplesmente o seguinte: que, em certas situações, o importante mesmo é organizar a população para, com ela, por meio de grupos, discutir a sua realidade, através sempre de acções práticas. Para analisar as condições locais e encontrar soluções a alguns dos seus problemas, no campo da saúde, da produção, etc. Estimular a população a que se organize, por exemplo, em torno de um projecto de trabalho colectivo, uma horta colectiva. Em torno de um projecto de combate ao mosquito, buscando, em qualquer caso, a colaboração dos Ministérios indicados e sempre em ligação com os comités locais do Movimento. Um trabalho como este pode, às vezes, ser feito por longo tempo, antes que a população pense em alfabetizar-se. Será a sua prática de "ler", de "re-ler", de "escrever" a sua realidade que poderá levá-la a querer ler e escrever também palavras, habilidade que passa a ter para a população uma significação real.

Em outros casos, a acção cultural começa pela alfabetização mesma. É importante então que, a partir dela, se tente um esforço para a criação de projectos que envolvam a acção da população sobre a sua realidade local. Estabelece-se assim um dinamismo entre os Círculos de Cultura e a prática transformadora da realidade, de tal modo que passam a activar-se e a reactivar-se mutuamente.



Para ajudar a compreensão que temos do nosso trabalho é que a nossa Comissão se chama Comissão Nacional Coordenadora dos Círculos de Cultura Popular e não Comissão de Alfabetização. É que, como os camaradas estão a perceber, o ensino da escrita e da leitura, sendo uma das nossas preocupações, jamais é visto por nós como algo em si, dissociado da fundamental tarefa de "ler", "re-ler", "escrever" e "re-escrever" a nossa realidade. Desta forma, repetindo para ser mais claros, diremos que, se, do ponto de vista da nossa opção política - a do nosso Movimento - jamais é possível ensinar a ler e a escrever sem a "leitura", a "re-leitura" e a "escrita" da realidade, é possível, em certos casos, trabalhar com populações na "leitura", na "re-leitura" e na "escrita" da realidade sem o ensino da leitura e da escrita de palavras.

Só assim, na medida em que a alfabetização de adultos como acção cultural, seja realizada e entendida como um acto político e um acto de conhecimento, em relação com a produção e a saúde e não como um simples exercício mecânico de memorização de sílabas ("bocados") e de palavras, é que ela se insere no quadro da reconstrução nacional.

#### CÍRCULOS DE CULTURA E NÃO ESCOLAS NOTURNAS PARA ADULTOS

Começaremos esta parte da nossa carta falando um pouco de certos pontos que, esclarecidos, nos ajudam a entender melhor o que é um Círculo de Cultura.

Estes pontos são os seguintes:

- a) Palavra Geradora
- b) Codificação
- c) Descodificação



#### a) PALAVRA GERADORA

Uma palavra geradora é aquela que, (escolhida em função de certos critérios) ao ser decomposta em suas sílabas, possibilita, pela combinação das mesmas, a criação de outras palavras. Se, por exemplo, tomamos a palavra MATABALA e a decompomos em suas sílabas, temos:

ma, me, mi, mo, mu  
ta, te, ti, to, tu  
ba, be, bi, bo, bu  
la, le, li, lo, lu

A cada um conjunto de sílabas ou "bocados" chamamos "família". Assim, a "família" de ma é me, mi, mo, mu; a de ta é te, ti, to, tu, etc.

Agora bem, diante das quatro famílias reunidas, verificamos que pode ser criada uma série de palavras, como: mata, mato, mate, mala, maleta, malote, mole, mola, mela, meta, mimo. luta, luto, lata, talo, tela, labuta, tomo, toma, tomate, tema, temo, tino, tina, bola, bolo, belo, libelo, tolo, batuta, batota, bebo, bebi, lâ, li, batata, etc.

É bom sublinhar que o papel do animador ou da animadora com relação às "famílias" silábicas não é o de criar as palavras mas o de estimular os alfabetizando a que eles mesmos as criem.

Toda vez, porém, que o animador perceba que os alfabetizando revelam uma certa timidez, temendo correr o risco de criar palavras, deve motivá-los, criando duas ou três. Isto de modo geral ocorre enquanto se trabalha com as primeiras palavras geradoras.

As palavras geradoras estão sempre associadas a certos temas,



que devem ser discutidos nos Circulos de Cultura. A palavra MATABALA, por exemplo, que dá nome a um tubérculo, possibilita discussões em torno de uma série de temas, entre eles:

- I o da produção; o da necessidade de diversificação da cultura.
- II o das suas qualidades nutritivas, o que nos leva ao problema da saúde. O problema da saúde, como o da produção, por sua vez, pode e deve estender-se em análises de ordem política - a participação consciente do povo, por exemplo, no aumento da produção como no cuidado com a sua saúde.

As palavras geradoras são escolhidas de acordo com critérios e não ao acaso.

- I O da sua riqueza temática, isto é, a variedade de temas que a elas estão referidos. Temas que, ligados à realidade local dos alfabetizandos, tornam possível a análise de aspectos da realidade nacional. É por isso que, às vezes, uma palavra geradora é boa para uma área mas não o é para outra. No nosso caso, para facilitar o nosso trabalho e não tornar mais dispendioso o nosso programa, escolhemos cuidadosamente 20 palavras geradoras que podem ser, com uma ou outra mudança que o animador deve estar preparado para fazer, adequadas a todo o país.
- II O da sua riqueza fonética bem como o da possibilidade que elas oferecem aos alfabetizandos de ir vencendo dificuldades como, por exemplo, o som LHA, NHA, o Ç, o SS dobrado, o RR dobrado, etc.

#### b) CODIFICAÇÃO

De maneira bem simples podemos dizer que a CODIFICAÇÃO é a



representação de um aspecto da realidade. A palavra geradora se acha escrita acima da codificação e ora se refere a ela toda, ora a um elemento dela.

No primeiro caso, teremos como exemplo, no PRIMEIRO CADERNO DE CULTURA POPULAR a ser usado pelos alfabetizandos e pelos animadores na alfabetização daqueles, a palavra geradora POVO, cuja codificação é a fotografia de um comício no dia da Independência, em que o Povo está reunido na praça, que é sua. No segundo caso, teremos como exemplo a palavra BONITO, nome de um peixe, cuja codificação mostra não apenas o peixe, mas uma situação em que há outros elementos.

É importante salientar que a CODIFICAÇÃO deve ser sempre tomada como um desafio ao grupo e ao animador, como um "objecto" que deve ser analisado pelo grupo, com a ajuda e a participação do animador e não como uma "ajuda" para o animador "dar a sua aula".

### c) DESCODIFICAÇÃO

A descodificação é o acto de analisar a codificação. É um dos momentos em que o animador e o grupo começam a fazer o que o Camarada Presidente chamou "leitura da realidade". Descodificando a codificação que representa aspectos da realidade, estamos "lendo" a realidade. Neste acto de "ler" a realidade, insistamos novamente, o animador não deve, de um lado, anular-se, escutando apenas o que o grupo diz; de outro, fazer a descodificação para o grupo. A descodificação é um diálogo entre o animador e o grupo bem como um diálogo dos alfabetizandos entre si. Ao ser a descodificação esta "leitura da realidade" ela é necessariamente uma "releitura", na qual, todos juntos, animadores e alfabetizandos, podem ir superando as formas ingênuas de compreender o seu mundo.

Neste trabalho, o papel do animador é tão importante quanto delicado. Respeitando a maneira como o grupo "lê" sua realidade,



portanto como o grupo a está entendendo, o animador deve problematizar o grupo para que se supere nas formas ingênuas como vem fazendo aquela "leitura".

Agora, podemos entender a razão por que falamos em Círculo de Cultura e não em Escola Noturna para Adultos. Agora, podemos entender o que é um Círculo de Cultura. Ele é uma escola diferente, em que não há professor, não há aluno nem há lição no sentido tradicional. O Círculo de Cultura não é um centro de distribuição de conhecimentos, mas um local em que um grupo de camaradas - numa sala de uma escola, numa salinha de uma casa, à sombra de uma árvore ou numa palhoça construída pela própria comunidade - se encontra, para, discutindo sobre a sua prática no trabalho, sobre a realidade local e nacional, representada nas codificações, aprender a ler e a escrever também, se este for o caso.

Nesta escola diferente, o professor tradicional - o que diz as coisas para o aluno decorar e repetir - é substituído pelo animador cultural, que deve ser um militante lúcido. Em lugar do aluno passivo, do "analfabeto" que recebia as lições do professor, aparece o alfabetizando, tão participante das actividades do Círculo quanto o animador ou a animadora.

Em lugar das lições postas nas cartilhas, que os alunos deviam decorar e repetir, os temas geradores aos quais estão referidas as palavras geradores representados uns e outras nas codificações.

No Círculo de Cultura, o animador, de um lado; o alfabetizando, do outro, são ambos sujeitos que procuram conhecer. O animador não é apenas o que ensina, mas também o que aprende. O alfabetizando não é apenas o que aprende, mas também o que ensina.

O papel, portanto, do animador - nunca é demasiado repetir - é o de desafiar os alfabetizando a fazer a "leitura" da codificação, tomada como um objecto de conhecimento dele e do grupo



e não o de discursar sobre a codificação em que se acha a palavra geradora.

Por tudo isto que dissemos até agora, é importante que nos estendamos um pouco mais sobre a TAREFA DO ANIMADOR OU DA ANIMADORA CULTURAL NO CÍRCULO DE CULTURA. Em primeiro lugar, esta tarefa é, como várias vezes temos insistido, político-pedagógica e não a de quem vai ensinar a ler e a escrever de um ponto de vista puramente técnico e impossivelmente neutro. Sua tarefa, por isso mesmo, não se esgota, como afirmamos antes, nos debates do Círculo. Deve alongar-se à vida mesma do bairro, da roça, da vila onde se encontra o Círculo. Quanto mais se identifica com a população tanto melhor exerce a sua actividade político-pedagógica.

Para ajudar-se neste trabalho, seria interessante que o animador ou a animadora fosse criando o hábito de anotar no seu caderno pessoal, as coisas e os factos que chamassem a sua atenção durante suas experiências na área em que vive e em que o Círculo se acha. Que fosse também se disciplinando para fazer o mesmo com relação ao que se passa no Círculo, isto é, anotando, depois da reunião, tudo o que ocorreu durante os debates e que lhe pareceu importante. Este caderno de notas ajudará enormemente o animador a melhorar a sua prática e será de grande valor para os seminários de avaliação que teremos de realizar juntos.

De vez em quando, será possível, também, que o animador proponha aos camaradas alfabetizando, como tema de discussão, uma ou outra das suas observações - não só as feitas nas sessões do Círculo, mas também as anotadas nas suas experiências na comunidade. É preciso, porém, de um lado, evitar comentários de carácter pessoal; de outro, estar sempre vigilante com relação a não perder o respeito que deve ter ao Povo. Ao propor ao grupo uma ou outra das suas observações, o animador deve assumir uma posição de quem indaga e se indaga e não fazer um discurso sobre o facto, objecto da sua observação. Isto não significa,



porém, que não deva expressar, também, a sua maneira de compreender o facto.

Na verdade, como parece vir ficando claro nestas páginas, se o animador não deve, de um lado, fazer girar as actividades do Circulo em torno de si, se não deve ser o único a falar, o que diz sempre a última palavra, o que dá a impressão de ser o único que sabe, não deve, de outro, anular-se e omitir-se.

Tanto ele quanto os alfabetizandos, enquanto participantes dos Circulos de Cultura, devem ser presenças actuantes nestes. Na perspectiva politica que defendemos, de acordo com os principios do nosso Movimento, não lhe cabe manipular os educandos nem tão-pouco deixá-los entregues a si mesmos. Nem dirigismo, nem espontaneismo.

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO DA INSTALAÇÃO DE UM CÍRCULO DE CULTURA

Em primeiro lugar, já vimos que a nossa actividade politico-pedagógico, de acção cultural, que inclui a alfabetização de adultos, nem sempre, porém, está obrigada a girar em torno dela.

Já vimos que é possível, às vezes, e mais do que possível, necessário, trabalhar com uma comunidade durante algum tempo na "leitura" da sua realidade, associada a projectos de acção sobre ela, como hortas colectivas, cooperativas de produção, em estreita ligação com esforços de educação sanitária, sem que, porém, a população necessite de ler palavras. Donde podemos reafirmar que, se todo aprendizado da leitura e da escrita de palavras, numa visão politica tal qual a nossa, implica na "leitura" e na "escrita" da realidade, isto é, no envolvimento da população em projectos de acção sobre a realidade, nem todo programa de acção sobre a realidade implica, inicialmente, no aprendizado da leitura e da escrita de palavras.



Em qualquer das hipóteses, porém, quer naquela em que a alfabetização, desde o começo, aparece como uma exigência da população, quer na outra, em que surge na medida em que os programas se desenvolvem, os Círculos de Cultura não podem ser criados como se fossem um presente que oferecemos ao povo. Isto significa, então, a necessidade de envolvimento da população, de sua mobilização, para que, desde o início, tome nas suas mãos, juntamente conosco, a responsabilidade pela criação dos seus Círculos de Cultura. Daí a necessidade de o nosso trabalho dever ser feito sempre, lado a lado, com os comitês locais do Movimento. Não podemos chegar a uma área e simplesmente anunciar à sua população que estamos aí para criar um ou mais Círculos de Cultura em que ela se irá alfabetizar. Pelo contrário, aproveitando o trabalho político do Comitê do Movimento, desenvolvendo-se na área, começaremos a nossa "intimidade" com ela. Naqueles lugares em que não haja ainda Comitê político do Movimento, poderá o nosso trabalho de acção cultural, bem orientado, e de que o Movimento deverá estar informado, vir a ser a semente para a constituição do Comitê.

Será comunicando-nos com a população que iremos aprendendo com ela o fundamental em torno das suas necessidades, das suas aspirações, dos seus projectos. E será ainda comunicando-nos com ela que poderemos iniciar os primeiros ensaios para a sua organização em torno de projectos simples, concretos, de acção. Se a população expressa o desejo de aprender a ler e a escrever, podemos, então, discutir com ela a melhor maneira de nos organizar para tal. Discutir a possibilidade, por exemplo, da criação de um comitê popular, que se encarregaria da melhor localização do ou dos Círculos de Cultura; se necessário, motivar a população para a construção, trabalhando colectivamente, de pequenas palhoças onde os Círculos funcionariam. O importante, repitamos, é que a população se sinta responsável pelo projecto, que este seja algo que lhe pertença; que a população se reconheça capaz de criar e de recriar e que veja no projecto uma experiência



político-pedagógico em que ela tem alguma coisa também a ensinar e não apenas a aprender.

Não podemos nos permitir nenhuma posição elitista, segundo a qual, paternalistamente, devemos ir aos grupos populares para "educá-los", para "salvá-los" da sua ignorância. Como camaradas, como militantes de uma mesma causa - a da reconstrução do nosso país - é que a eles devemos ir, para, com eles aprendendo, a eles ensinar.

#### SOBRE O PRIMEIRO CADERNO DE CULTURA POPULAR

O Primeiro Caderno de Cultura Popular é o livro básico dos alfabetizandos. Vamos conversar um pouco sobre ele, fazendo, inicialmente, considerações gerais em torno de por que o estruturamos na forma em que se encontra e, em seguida, apresentaremos sugestões para o seu uso.

Em primeiro lugar, o Caderno de Cultura Popular foi elaborado para responder a uma necessidade fundamental dos alfabetizandos - a necessidade de dispor de um material de suporte no processo da sua aprendizagem da leitura e da escrita. Material capaz de não apenas motivá-los, mas também de oferecer-lhes segurança na sua busca.

Dissemos, no começo desta carta, que a educação tem sempre uma intenção política, independentemente de se educadores ou educadoras estão disto conscientes ou não. Dissemos também que toda situação educativa envolve sempre um acto de conhecimento e acrescentamos que, numa prática educativa revolucionária, o educando deve assumir o papel de sujeito do acto de conhecer, juntamente com o educador, sujeito também deste mesmo acto.

Agora bem, enquanto material de ajuda aos alfabetizandos no processo da sua aprendizagem da leitura e da escrita, o Caderno



de Cultura Popular jamais poderia ser um instrumento neutro. Era preciso, então, que fosse elaborado em total coerência com os princípios políticos do nosso Movimento, os mesmos princípios que exigem de nós uma prática educativa revolucionária, na qual o educador como transferidor de "conhecimento" e o educando como passivo receptor deste "conhecimento empacotado" vão cedendo o seu lugar ao que o Camarada Presidente Samora Machel chama "professor e aluno militantes". Envolvidos ambos num mesmo acto criador, comprometidos com a mesma causa - a da reconstrução nacional, a da criação de uma nova sociedade em que não haja a exploração de uns por outros. Daí que uma preocupação constante na feitura do Caderno tenha sido a de organizá-lo de maneira que, posto em uso, ele fosse um chamamento permanente a uma forma crítica de pensar. Seria, na verdade, uma contradição com tudo o que já dissemos se o Caderno fosse um "livro de receitas" com o qual pretendêssemos ensinar um puro e alienado  $b - a = ba$  ao nosso Povo, separado da "leitura" crítica da nossa realidade. Como seria também uma contradição com tudo o que já dissemos se o Caderno não estimulasse, ao máximo, a criatividade dos alfabetizados no processo da sua aprendizagem.

O Caderno de Cultura Popular se constitui de duas partes. A primeira contém as 20 palavras geradoras, as codificações correspondentes e cinco pequenos textos, o último dos quais é do Camarada Presidente, Pinto da Costa.

A segunda parte consta de 10 fotografias, (codificações) que envolvem alguns dos fundamentais temas do país e mais 3 textos do Camarada Presidente. Com a segunda parte pretendemos ajudar os alfabetizados na transição da alfabetização à pós-alfabetização.

Tomemos o Caderno nas nossas mãos, examinêmo-lo como um todo e vamos, a pouco e pouco, reflectindo em torno de como usá-lo.



Comecemos por sua capa e sua contra capa. Uma foto de um comício em que o Camarada Presidente se acha no meio do Povo e a Bandeira Nacional constituem a capa do Caderno, enquanto a contra capa é ilustrada por uma fotografia de um baile popular, uma expressão da nossa cultura.

A riqueza temática da capa e da contra capa é tal que seria uma lástima não aproveitá-la como objecto de uma discussão no primeiro dia mesmo da abertura de um Circulo de Cultura. Assim, a capa e a contra capa do Caderno devem ser as primeiras codificações a ser propostas à análise dos alfabetizandos.

Vejamos alguns dos pontos que podem ser debatidos em tal análise, quando o animador, dirigindo-se aos alfabetizandos, perguntar: que vemos na capa do nosso Caderno de Cultura Popular? A esta pergunta, os alfabetizandos irão descrevendo um a um, às vezes com pormenores, o que vêem na capa. (A mesma pergunta será feita com relação à contra capa.)

O Povo reunido numa praça, no dia da Independência.  
O Camarada Presidente no meio do Povo.  
A Bandeira Nacional, etc., etc.

Cabe ao animador, aproveitando a descrição feita pelos alfabetizandos, iniciar um diálogo, com o qual se irá aclarando e aprofundando a compreensão dos pontos descritos. Precisamente porque é um diálogo não deve o animador, de um lado, fazer um discurso aos alfabetizandos sobre a capa e a contra capa do Caderno; de outro, omitir-se no silêncio, deixando assim de participar e de trazer um esclarecimento necessário à discussão.

Uma boa análise da capa e da contra capa nos poderá levar à discussão dos seguintes aspectos:

O significado verdadeiro da nossa Independência. A posição de



Povo colonizado em que nos achávamos antes da Independência. A resistência do nosso Povo à exploração colonialista. O papel do M.L.S.T.P. na luta de Independência. A recusa do nosso Povo e do nosso Movimento a qualquer fórmula neo-colonialista, que trairia nossa real independência. A independência e a reconstrução nacional. O papel do Povo na reconstrução nacional e na criação de uma sociedade justa, em que não haja explorados nem exploradores. A transição em que nos achamos na fase de reconstrução nacional e a necessidade que temos:

- a) de ser vigilantes,
- b) de nos dedicar com afinco ao trabalho para o aumento da nossa produção,
- c) de contar com as nossas próprias forças, acreditando na nossa capacidade de criar uma vida melhor para nós, hoje, mas, sobretudo, para as gerações futuras.

A Bandeira Nacional como símbolo da nossa Pátria livre.

A nossa cultura e a nossa identidade. Necessidade de valorizarmos a nossa cultura, superando, porém, o que nela haja de negativo. Aceitação à contribuição que outras culturas nos possam oferecer sem que desvirtuemos o espírito da nossa.

A toda esta temática, acrescida de outros aspectos que, possivelmente, surgirão no decorrer do diálogo, se estará sempre voltando nos debates em torno do conteúdo do Caderno.

Insistiremos aqui, mais uma vez, sobre uma sugestão feita anteriormente - a de os animadores se irem acostumando a registrar, no seu caderno de notas, os factos que mais lhes chamem a atenção no seu convívio com o povo e nas reuniões dos Circulos de Cultura. Registrar, após cada reunião, certas afirmações e análises feitas pelos alfabetizando durante os debates. Em encontros de ava-



liação entre animadores culturais de uma mesma área ou de áreas diferentes o estudo desses registros será da mais alta importância.

Antes de entrarmos na discussão da primeira parte do Caderno, que diz respeito à alfabetização propriamente dita, chamamos a atenção dos camaradas para o Hino Nacional e o mapa do nosso país, que se encontram no começo do Caderno. É importante conversar um pouco sobre ambos com os alfabetizando após a decodificação da capa e da contra capa.

Vejamos agora a primeira parte do nosso Caderno, em que se encontram as 20 palavras geradoras, as codificações correspondentes e 5 textos, de que o último, que encerra a primeira parte, é do Camarada Presidente, Pinto da Costa.

Observe-se que até a nona palavra geradora não aparece sequer uma frase. Temos as palavras geradoras, as codificações respectivas e as palavras decompostas em suas famílias silábicas, após o que, invariavelmente, se seguem duas folhas pautadas em branco. Nestas, os alfabetizando escreverão as palavras que forem "criando" e, a pouco e pouco, pequenas frases. Desta maneira, em lugar de nós mesmos, servindo-nos das famílias silábicas de cada palavra geradora, criarmos com elas novas palavras e, com estas, alguns textos, deixamos este trabalho criador aos alfabetizando. Daí as folhas pautadas em branco que serão usadas por eles para tal esforço. Esforço que farão, num primeiro momento, em comum, na própria reunião do Círculo, com a participação do animador.

Entre a nona e a décima palavra geradora, como dissemos antes, é que temos o primeiro texto, pequeno e simples, cujas palavras não são estranhas às possibilidades de combinações entre as sílabas (bocados) das nove até então estudadas. "O Povo é bonito na luta. Com unidade, disciplina e trabalho o Povo luta e vence. Viva o Povo."



Este pequeno texto surge depois que os alfabetizandos se tiveram experimentado, em grupo e individualmente, não só na formação de palavras mas também de pequenas frases. O pequeno texto os estimula a continuar na busca criadora.

Um ponto importante: o texto deve ser lido não como se devesse ser memorizado, mas compreendido, interpretado. Daí que deva ser tomado como um desafio.

A primeira leitura do texto deve ser feita por todo o grupo, silenciosamente. Em seguida, o animador perguntará, dirigindo-se ao grupo, se algum ou alguma entre eles gostaria de falar sobre o que acabaram de ler. É possível que os participantes tenham dificuldade em fazê-lo pois esta é a primeira vez em que se defrontam com um texto, por pequeno que seja. É preciso, porém, estimulá-los a realizar tal exercício, após o qual se fará a leitura em voz alta, a que se seguem novas tentativas de interpretação.

Compreendemos melhor a necessidade de estimular a leitura e a interpretação de pequenos textos quando reconhecemos que, na nossa cultura, a nossa memória vem sendo preponderantemente oral e não escrita. Este é, aliás, um argumento a mais, para que não pensemos numa generalização às cegas de uma "campanha" de alfabetização, como se esta fosse, em si, um instrumento mágico.

O segundo texto, um pouco maior, aparece entre a 16<sup>a</sup> e 17<sup>a</sup> palavra geradora. "Não conquistamos a independência de São Tomé e Príncipe para cada um fazer o quer. Não acabamos com o colonialismo em nossa terra para cruzar os braços. Unidos e organizados devemos fazer o melhor para todo o Povo. A luta continua. A vitória é nossa".

O procedimento deve ser o mesmo. Leitura silenciosa. Interpretação. Leitura em voz alta. Debate em torno da significação



do texto com relação ao contexto (realidade) nacional.

Não é difícil constatar, no período de transição em que nos achamos, (em que emerge uma consciência político-popular mais rebelde que revolucionária) uma certa idealização da libertação. É como se disséssemos: antes éramos explorados pelos colonialistas portugueses; hoje somos livres. Por que então fazer força? Por que desfrutar o dendezeiro, se já não tenho o "tuga" me obrigando a fazê-lo? É preciso sabermos, porém, que a libertação, primeiro, não foi um presente; segundo, não terminou. Estamos construindo-a e a perderemos se, pensando que já a conquistamos, cruzarmos os nossos braços. A luta continua.

Entre a 18<sup>a</sup> e a 19<sup>a</sup>, um outro texto bem maior que possibilita uma discussão indispensável, por sua importância, pois que trata de uma compreensão em torno de Angola, de Moçambique, da Guiné e Cabo Verde, enquanto países e povos irmãos, envolvidos, como nós, no mesmo empenho de reconstrução nacional.

O penúltimo texto, (em torno do qual se pode discutir a necessidade da diversificação da cultura ) referindo-se à cultura do arroz, introduz a palavra chuva.

Finalmente, um último texto aparece, o do Camarada Presidente, encerrando-se com ele, a primeira parte do Caderno de Cultura Popular.

"A luta por uma reforma agrária que permita ao nosso povo exercer a sua soberania sobre as riquezas nacionais constitui a componente essencial para a Consolidação das conquistas políticas já alcançadas e para a instauração no nosso país de um regime político realmente democrático".

Chamamos a atenção dos camaradas para a importância da análise deste texto na sua profundidade. Observe-se que o Camarada



Presidente se refere à luta por uma reforma agrária de que resulte que o povo exerça a sua soberania sobre as riquezas nacionais, com o que se consolidam as conquistas políticas já alcançadas e se instaura uma real democracia e não a uma reforma agrária simplesmente doada. A luta por uma reforma agrária e não uma reforma agrária doada implica na organização consciente do povo para tal conquista e esta organização consciente do povo na presença actuante da sua vanguarda, o nosso Movimento.

Vamos ver agora, de maneira bem esquemática, por isso mesmo bastante menos pormenorizada do que nos seminários de capacitação, o modo como proceder com as vinte palavras geradoras que constituem a primeira parte do nosso Caderno. Não será necessário, porém, que descrevamos a forma como trabalhar com relação a cada uma das vinte palavras. Basta tomar a primeira delas como exemplo, a palavra Povo.

Já sabemos que as palavras geradoras se acham inseridas em codificações que são, como afirmamos antes, representações de aspectos da realidade. No nosso caso, não poderíamos ter melhor codificação à qual referir a palavra povo do que a fotografia do comício do dia da Independência - o Povo na praça com os seus líderes.

Já vimos também que a primeira discussão, ao iniciarmos as actividades de um Círculo de Cultura ao nível da alfabetização, deve girar em torno da capa e da contra capa do nosso Caderno. Terminada a descodificação da capa e da contra capa começamos os trabalhos com as palavras geradoras. Vejamos como, tomando como exemplo, repitamos, a primeira palavra geradora.

Codificação: Comício - Dia da Independência (fotografia)  
Palavra geradora: Povo.

a - Descodificação - análise ou "leitura" da codificação.



Este é um momento importantíssimo na nossa actividade político-pedagógica.

O papel do Camarada animador é fundamental. Deve estimular ao máximo os alfabetizandos na análise do conteúdo da codificação. Se não cabe ao animador fazer um discurso sobre a codificação, não deve, por outro lado, ficar silencioso à espera de que os alfabetizandos falem. É necessário perguntar, associar a resposta de um à do outro; transformar, às vezes, uma resposta em nova pergunta. O importante é que os alfabetizandos vão desenvolvendo, pela prática da discussão, a sua expressividade e a sua capacidade de percepção crítica da realidade.

Terminada a análise da codificação,

- b - o animador estabelece a relação entre a palavra geradora e o que ela nomeia, lendo-a em voz alta. Em seguida, convida os alfabetizandos a fazer também a leitura da palavra.
- c - Vai ao quadro negro e escreve a palavra geradora tal qual se acha escrita no Caderno.
- d - Lê novamente, de maneira pausada, a palavra geradora e pergunta quantas vezes abrimos a boca para pronunciá-la. (No caso que estamos a estudar, quantas vezes abrimos a boca para pronunciar a palavra Povo).
- e - "Duas vezes", dizem os alfabetizandos: Po vo.
- f - O animador, então, escreve, ao mesmo tempo em que pronuncia, povo.
- g - Em seguida, chamando a atenção para o primeiro "bocado" po e o segundo vo, o animador diz que os "bocados", como nós, têm também as suas famílias. Vamos ver a família de po e



escreve: pa, pe, pi, po, pu.

- h - Apontando o "bocado" po, solicita que digam o seu nome. Em seguida, pergunta: há alguma diferença entre os "bocados" da família de po ou todos eles são iguais? Quando, depois de algum tempo, os alfabetizandos respondem que os "bocados" são diferentes entre si, o animador se dirige novamente a eles: Muito bem, se todos os "bocados" da família de po são diferentes entre eles, será que podemos chamar todos po? Será que podemos dizer: po, po, po, po? Somente depois que os alfabetizandos dizem que não é que o animador nomeia os "bocados". Este é pa, este é pe, este é pi, este é po, este é pu. Faz-se então uma leitura corrida: pa, pe, pi, po, pu, duas, três vezes, seguida de alguns exercícios de fixação. Não é necessário, porém, cansar os alfabetizandos levando-os a repetir um sem número de vezes os "bocados".
- i - O trabalho prossegue com o segundo "bocado" vo. Repete-se o mesmo procedimento que descrevemos com relação a po.
- j - Agora, diz o animador, vamos trabalhar com as duas "famílias" juntas: a "família" de po e a "família" de vo.

pa, pe, pi, po, pu  
va, ve, vi, vo, vu

Faz leituras na horizontal: pa, pe, pi, po, pu; va, ve, vi, vo, vu e leituras na vertical:

|    |    |    |    |    |
|----|----|----|----|----|
| pa | pe | pi | po | pu |
| ↓  | ↓  | ↓  | ↓  | ↓  |
| va | ve | vi | vo | vu |

- l - Depois de vários exercícios de reconhecimento, o animador, apontando o conjunto das duas "famílias", a de po e a de vo, pergunta aos alfabetizandos: Será que podemos criar



alguma palavra com estes "bocados", juntando um ao outro? Espera, pacientemente, que alguém se pronuncie.

Observação - Mesmo que o ideal seja que os alfabetizandos criem as suas palavras com a combinação dos "bocados" e não o animador, se este percebe que os alfabetizandos se acham inibidos, sem querer correr o risco de criar palavras, deve, como já salientamos noutra parte desta carta, iniciar o processo, criando duas ou três palavras.

m - Terminada esta parte, o animador solicita dos alfabetizandos que digam algo com a palavra povo. Dois ou três exemplos são suficientes.

O Povo é lutador.

O Povo é bonito.

O Povo trabalha.

O animador vai ao quadro negro e escreve uma das frases, duas vezes. Uma, com letra de imprensa - letra de jornal, de livro - e outra, com letra de mão, estimulando os alfabetizandos a escrever também.

Observação - Não esquecer os exercícios a que temos feito referência nos seminários de capacitação: os movimentos da mão, os traçados de linhas no quadro, a maneira de segurar o giz, o lápis, etc. Tudo isso é muito importante quando sabemos que uma coisa é a força muscular que mobilizamos para usar uma enxada, outra é a força de que necessitamos para mover um giz ou um lápis. Se a nossa prática tem sido, em carácter exclusivo, a primeira ou a segunda, encontramos certas dificuldades na passagem de uma para outra. Neste sentido, o lápis na



mão do alfabetizando adulto que se inicia no aprendizado da escrita "pesa" mais do que a enxada com que limpa o chão.

Gostaríamos, agora, de fazer algumas sugestões com relação ao tempo a ser dedicado à aprendizagem das palavras geradoras e à revisão necessária à consolidação dos conhecimentos adquiridos.

Sem que pretendamos ser rígidos, pensamos em uma semana por palavra geradora. A quarta semana de actividades será sempre dedicada à revisão do que se fez nas três anteriores.

Na semana de revisão, através de exercícios, preponderantemente orais até a nona palavra geradora; tanto orais quanto escritos a partir daquela palavra, procuraremos:

- a - "amarrar" os temas discutidos na descodificação das codificações, estimulando a expressividade oral e, progressivamente, a escrita;
- b - consolidar os conhecimentos adquiridos, aguçando, ao mesmo tempo, a curiosidade dos alfabetizandos para conhecer mais;
- c - relacionar os "bocados" das palavras geradoras estudadas, na criação de novas palavras e, mais adiante, gradativamente, na formação de frases.

Terminando, nesta primeira carta, a análise da primeira parte do Caderno, queremos chamar a atenção para o facto de que, entre a 8<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup>, a 13<sup>a</sup> e 14<sup>a</sup>, a 17<sup>a</sup> e a 18<sup>a</sup> palavras geradoras há páginas que contêm, apenas, os espaços em branco, correspondentes à codificação e à palavra geradora. Fizêmo-lo propositadamente tendo em vista situações em que, de acordo com a realidade local, seja necessário introduzir alguma palavra geradora não prevista no Caderno. Em tal caso, o animador preencherá, com os alfabetizandos, os espaços em branco.



A segunda parte do Caderno, transição da alfabetização à pós-alfabetização, possibilita, através da descodificação das 10 fotografias e da análise dos três textos do Camarada Presidente:

a - a discussão de problemas nacionais altamente fundamentais na transição em que nos achamos, tais como:

- I - Produção
- II - Saúde
- III - Educação
- IV - Defesa
- V - Cultura
- VI - O papel dos trabalhadores, da juventude, das mulheres, no esforço de reconstrução nacional.

b - a continuidade aprofundada do mesmo acto de conhecimento iniciado na primeira parte do Caderno no que diz respeito à "leitura" da realidade, à sua compreensão crítica, ora através das descodificações, referidas sempre ao concreto, ora através da leitura de textos.

c - que os alfabetizandos escrevam sua opinião em torno dos temas referidos acima. Que digam algo, por exemplo, sobre a produção no país, sobre a saúde, sobre a defesa, sobre o papel do Povo na criação da nova Sociedade, etc. Se escritos, estes textos serão recolhidos para, com alguns deles, organizarmos pequenos livros de leitura a ser utilizados nos Circulos de Cultura. Desta forma, devolveremos ao Povo, para a sua análise, o que o Povo produza como resultado do seu esforço.

Camaradas, para não alongar demasiado esta carta, vamos terminá-la aqui. Mas, como sabemos que há pontos importantes ainda a tocar, prometemos uma outra, que escreveremos logo mais.

A LUTA CONTINUA  
A VITÓRIA É NOSSA.



## S E G U N D A   C A R T A

Camaradas:

Na carta de hoje procuraremos apresentar uma relação de temas ligados às codificações que compõem a primeira e a segunda parte do Primeiro Caderno de Cultura Popular. Nosso objectivo, naturalmente, é dar uma contribuição aos camaradas animadores culturais no sentido de coordenarem mais eficientemente o processo de descodificação. A relação, que vamos oferecer, de alguns temas, apenas alguns, em referência a cada uma das codificações, ajudará os camaradas na sua preparação permanente para o trabalho politico-pedagógico nos Circulos de Cultura.

É preciso, porém, de um lado, deixar claro que a nossa preocupação, nesta carta, não vai mais além do alinhamento de alguns prováveis temas referidos às codificações; de outro, que esta relação temática não deve ser tomada pelos camaradas animadores como se fosse uma lista de assuntos a ser transmitida aos alfabetizando.

Deixaremos de lado a capa e a contra capa do Caderno por nos termos referido a elas na primeira carta.

Começaremos, assim, pela primeira situação codificada, repetindo, porém, em parte, o que foi dito a propósito da capa.

Palavra geradora : Povo

Codificação : Comício da Independência.

O significado da nossa Independência.

A luta pela Independência.

A nossa resistência ao colonizador desde os  
começos da colonização.



O papel do M.L.S.T.P. na conquista da nossa  
Independência.

A reconstrução nacional.

O papel do Povo na reconstrução nacional, que  
exige de nós unidade, disciplina, trabalho e  
vigilância.

Palavra geradora : Bonito

Codificação : Pequena comunidade pesqueira.

A importância da pesca para São Tomé e Príncipe.

O valor nutritivo do peixe.

O desenvolvimento das actividades pesqueiras e  
a reconstrução nacional.

Palavra geradora : Matabala

Codificação : Homem colhendo matabala.

A matabala e o seu valor nutritivo.

A alimentação e a saúde.

Saúde e produção.

Os quatro princípios fundamentais da alimentação:

quantidade,

qualidade,

harmonia,

adequação.

É importante que os camaradas animadores consultem o capítulo  
sobre alimentação no Quarto Caderno de Cultura Popular.

Palavra geradora : Saúde

Codificações : 1) Enfermeira a cuidar de  
uma paciente num ambulatório.  
2) Grupo de pessoas a receber  
do educador sanitário pí-  
lulas anti-malária.



"A saúde é um estado de completo bem estar físico, mental e social e não somente a ausência de doença."

Definição da Organização Mundial da Saúde.

Saúde e produção; produção, saúde e a reconstrução nacional.

Saúde e alimentação.

O cuidado com a saúde, dever revolucionário.

Higiene do ambiente, higiene do corpo, higiene da alimentação e saúde.

É melhor prevenir do que remediar.

Palavra geradora : Rádio.

Codificação : Um adulto e duas crianças escutam um programa radiofônico.

O rádio e os meios de informação e comunicação.  
Rádio, telefone, telégrafo, televisão, cinema, jornal.

O papel da Rádio Nacional na reconstrução do nosso País.

Os programas de desportos, de música, de notícias - as informações em torno do que acontece no país e das coisas mais importantes que ocorrem fora dele: na África e no resto do mundo.

O direito que tem o Povo de ser bem informado.

Em seguida à palavra Rádio vêm três palavras geradoras cuja significação tem uma especial importância na etapa da reconstrução nacional: UNIDADE, DISCIPLINA e TRABALHO.

O ideal seria que os camaradas animadores tentassem uma discussão em torno das três codificações que aparecem na página 14 do nosso Caderno, procurando destacar:



- a) que a unidade na acção, indispensável ao êxito de um projecto, implica na identidade de objectivos por parte daqueles e daquelas que participam no projecto.
- b) que esta unidade na acção, em função dos objectivos comuns, exige, necessariamente, disciplina.
- e) que, finalmente, por tudo isso, nosso trabalho, qualquer que seja ele, na reconstrução nacional, deve estar voltado para os interesses do nosso Povo e jamais deve ser prejudicado pela indisciplina.

Palavra geradora : Fábrica

Codificação : Fotografia de um aspecto de  
uma pequena fábrica em São Tomé.

Trabalho nas fábricas, trabalho nos campos -  
desenvolvimento harmonioso.

Trabalho e transformação do mundo.

Trabalho e formação.

Produção e reconstrução nacional.

O trabalho nesta mesma fábrica na época colonial  
e o trabalho agora.

Palavra geradora : Tijolo

Codificação : Dois pedreiros levantando  
uma parede.

A reconstrução nacional para a criação de uma  
sociedade sem exploradores nem explorados não  
apenas necessita igualmente mas também valoriza  
igualmente o trabalho dos pedreiros como o tra-  
balho dos escrivães.

Trabalho intelectual - trabalho manual - impossi-  
bilidade de separar um do outro.



Palavra geradora : Gamela  
Codificação : Uma jovem mulher com uma  
gamela na cabeça.

O papel da mulher na reconstrução nacional e na  
criação da sociedade nova.

A gamela como resultado do trabalho humano - acção  
que transforma.

Como se faz a gamela.

Diferentes usos da gamela.

Palavra geradora : Escola  
Codificação : Sala de Aula.

A educação é sempre um acto político.  
Não há educação neutra.

Escola e educação.

A educação colonial, anti-democrática, a serviço,  
naturalmente, dos interesses dos colonialistas.

A educação colonial e a "desafricanização" dos  
nacionais.

A educação, hoje, a serviço da reconstrução  
nacional, a serviço da criação de uma sociedade  
sem exploradores nem explorados. Uma educação,  
portanto, democrática, não mais autoritária nem  
elitista.

Palavra geradora : Mosquito  
Codificação : Fotografia de uma mosquito.

O mosquito e a transmissão de doenças.

O mosquito e o paludismo.

A defesa da saúde e o combate ao mosquito.

A propósito do tema, ler o Caderno sobre Saúde.



Palavra geradora : Tosse

Codificação : Homem tossindo numa cama de hospital. Ao lado, um enfermeiro.

Mais uma vez, defesa da saúde.

A tosse pode ser um sinal de que algo vai mal com a nossa saúde. É bom ouvir o médico, se uma tosse impertinente não nos deixa.

Palavra geradora : Vinho

Codificação : Um grupo de pessoas, num bar, tomando vinho de uva e de palmeira.

Vinho e saúde. Uso moderado do vinho.

A produção do vinho de palmeira e a economia nacional.

A importância do vinho de uva e a economia nacional.

Palavra geradora : Enxada

Codificação : Homem trabalhando com uma enxada.

Trabalho, produção e reconstrução nacional.

A criação de uma sociedade nova, sem explorados nem exploradores e a valorização do trabalho.

Palavra geradora : Riqueza

Codificação : Fotografia de aspectos de um cacau, com homens colhendo cacau.

O cacau como principal fonte da nossa riqueza.

O cacau na nossa história.

(ler o texto no Segundo Caderno de Cultura Popular - São Tomé e Príncipe, nossa Terra, nosso Povo).



A necessidade da diversificação da cultura.

Palavra geradora : Arroz

Codificação : Uma jovem derramando uma  
quantidade de arroz - o primeiro  
colhido em São Tomé.

Alimentação e arroz.

O valor nutritivo do arroz.

O cultivo do arroz em São Tomé e Príncipe.

Palavra geradora : Chuva

Codificação : Fotografia de um campo experimen-  
tal para o cultivo do arroz e um  
texto explicativo abaixo.

A importância da chuva para a agricultura.

Chuva e clima.

## SEGUNDA PARTE

A temática fundamental distribuída pelas dez codificações que, ao lado dos três textos do Camarada Presidente Pinto da Costa, constituem a segunda parte do nosso Caderno, gira em torno da produção, da saúde, da educação, da cultura, da defesa e da consciência político-revolucionária do nosso Povo. Consciência que, desenvolvendo-se na prática da reconstrução nacional, lhe é absolutamente necessária. Deste modo, mesmo que cada uma das codificações tenha este ou aquele aspecto como núcleo temático preponderante, todas elas se acham referidas ao tema básico da reconstrução nacional que, necessariamente, engloba os mencionados acima.

Assim, a discussão sobre qualquer uma das dez codificações jamais deve perder de vista o esforço enorme em que estamos envolvidos -



o da reconstrução do nosso País, o da criação de uma sociedade sem exploradores nem explorados. Não se cria uma tal sociedade a não ser que se lute muito. A sociedade nova não aparece por milagre. Ela aparece se nós a criarmos e, para criá-la, temos de continuar, com força e decisão, a transformar revolucionariamente a velha sociedade que ainda temos.

A luta pela reconstrução nacional, para a criação da sociedade nova, se dá em todas as frentes - nos campos, nas fábricas, nos quartéis, nos serviços públicos, nas nossas casas, nas escolas. Esta luta demanda unidade, disciplina, trabalho e vigilância.

Toda esta temática será retomada, de maneira mais sistemática, nos textos que comporão o Segundo Caderno de Cultura Popular, o livro básico para os que começarão o primeiro momento da pós-alfabetização, objecto de análise de uma futura carta.



### TERCEIRA CARTA

Camaradas:

Temos dito, nos seminários de capacitação e repetimos, com insistência, na primeira carta, que a aprendizagem da leitura e da escrita não é um acto mecânico, mas um acto de conhecimento. Por isso, a nossa tarefa, nos Círculos de Cultura, não é "abrir a cabeça" dos alfabetizandos para pôr dentro dela as letras, os "bocados" e as palavras. Assim, o que temos de fazer não é levar os alfabetizandos a memorizar "bocados" e palavras mas desafiá-los a compreender o papel dos "bocados" na constituição das palavras e o destas na organização do pensamento. A memorização verdadeira e necessária é a que surge como resultado da apreensão que fazemos da coisa ou do objecto, que estamos a procurar conhecer. Na apreensão, o objecto que procuramos conhecer é compreendido, é entendido. Falamos dele na medida mesma em que o compreendemos. Na memorização pura, fixamos a descrição que nos foi feita do objecto sem necessariamente compreendê-lo. Por isso, podemos afirmar que, se toda apreensão do objecto implica em memorização, nem toda memorização implica em apreensão do objecto. Neste sentido, se a repetição bem dosada dos "bocados" ba - be - bi - bo - bu; na - ne - ni - no - nu; ta - te - ti - to - tu, é necessária, a insistência em repeti-los, além de se tornar monótona e cansativa, não proporciona o verdadeiro conhecimento deles. Mas, estamos de tal maneira marcados, influenciados pela prática tradicional, que relutamos em deixá-la de lado. É preciso, porém, que nos convençamos da necessidade de superá-la.

Outro ponto a ser bem cuidado, por sua importância, no aprendizado da leitura e da escrita, é o exercício da expressão oral dos alfabetizandos, através das discussões em torno dos temas ligados às palavras geradoras. Este exercício da expressão oral é fundamental. Através dele, ao praticar uma melhor organização



do seu pensamento, no acto de analisar a codificação, os alfabetizando desenvolvem, necessariamente, a sua linguagem. Não podemos nos esquecer de que a nossa cultura, por muitas razões, é ainda preponderantemente oral. Não podemos introduzir nela a comunicação escrita por decreto. Comunicação que terá no exercício da oralidade um indispensável ponto de partida. Por outro lado, no nosso caso, por causa desta preponderância oral da nossa cultura, é preciso aumentar o número de materiais de suporte à aprendizagem da leitura e da escrita. Por isto, preparamos um caderno de exercícios do qual lhes falaremos agora.

O Caderno de Exercícios, PRATICAR PARA APRENDER, é um suporte a mais a ser usado, a partir de certo momento das actividades nos Círculos de Cultura, alternadamente com o PRIMEIRO CADERNO DE CULTURA POPULAR.

Começemos pelo nome do Caderno, por sua capa e por sua contra capa. PRATICAR PARA APRENDER, que é o nome do Caderno de Exercícios, sugere aos alfabetizando que a prática é indispensável ao acto de conhecer. A prática é fonte de conhecimento. Daí a insistência com que se fala sobre a prática no Caderno. É preciso que os camaradas animadores, ao compreenderem também a prática enquanto fonte de conhecimento, aproveitem todas as oportunidades em suas relações com os alfabetizando para reforçar esta verdade.

A capa do Caderno é uma fotografia de camaradas a transportar os primeiros sacos de arroz cultivado e colhido em São Tomé e a contra capa é a fotografia de um lindo milharal. A capa e a contra capa são duas codificações que dizem respeito a um tema importante para nós: o da diversificação da cultura. Não podemos perder a oportunidade de debater esta matéria, que será estudada de maneira mais aprofundada na pós-alfabetização.

O Caderno de Exercícios, PRATICAR PARA APRENDER, deve ser entregue



aos alfabetizando quando eles tenham dominado bem as catorze primeiras palavras geradoras do PRIMEIRO CADERNO DE CULTURA POPULAR. Daí em diante, de maneira alternada, os alfabetizando trabalharão com os dois Cadernos.

Ao receberem o Caderno de Exercícios já terão tido suficiente tempo para praticar a sua criatividade na formação de palavras e frases que as primeiras catorze palavras do PRIMEIRO CADERNO lhes oferecem. Já terão igualmente lido o primeiro pequeno texto que se encontra entre a nona e a décima palavra geradora. Por isso, não encontrarão dificuldade em ler o Caderno de Exercícios e encontrarão nele estímulo para criar mais. Propositadamente, os primeiros exercícios propostos no Caderno PRATICAR PARA APRENDER são bastante simples. Com eles, ao mesmo tempo em que os alfabetizando confirmam o já conhecido, se motivam para avançar rapidamente, mas, com segurança. É preciso que os alfabetizando pratiquem ao máximo a leitura e a escrita, não apenas de palavras, mas também de frases e, em seguida, de pequenas histórias. Tudo isso vai ajudá-los enormemente a escrever as suas opiniões sobre as codificações e os textos do Camarada Presidente, que compõem a SEGUNDA PARTE do PRIMEIRO CADERNO DE CULTURA POPULAR.

É importante que os alfabetizando cheguem ao fim dos dois Cadernos, do PRIMEIRO e do de EXERCÍCIOS, ao mesmo tempo, ou mais ou menos ao mesmo tempo. Mas que cheguem ao fim com um real domínio dos dois. Lendo e escrevendo com desenvoltura e tendo discutido bastante toda a segunda parte do PRIMEIRO CADERNO.

Procuremos alcançar agora uma compreensão crítica do conteúdo do Caderno de Exercícios ao mesmo tempo em que pensemos um pouco em torno de como trabalhar com ele.

O Caderno começa com duas expressivas fotografias, a de um grupo de crianças nadando numa das nossas enseiadas, em São Tomé e a de um grupo de jovens camaradas trabalhando no campo. Na página



ao lado, dois textos pequenos, em referência a cada uma das fotografias.

É NADANDO QUE SE APRENDE A NADAR.

É TRABALHANDO QUE SE APRENDE A TRABALHAR.

Encimando esta página, vem o nome do Caderno: PRATICAR PARA APRENDER e, na parte inferior da página: PRATICANDO, APRENDEMOS A PRATICAR MELHOR.

Não há dúvida de que os alfabetizandos, ao receberem o Caderno de Exercícios, depois de terem dominado as catorze primeiras palavras do Primeiro Caderno, não terão nenhuma dificuldade em ler a página a que estamos nos referindo.

Apesar de nos interessar a comprovação da capacidade dos alfabetizandos para ler frases simples como estas, a nossa preocupação, ao propor-lhes estas duas páginas, vai mais além do interesse por esta comprovação. Importa-nos, na verdade, a análise da significação e do conteúdo das fotografias e do que vem escrito na página ao lado, isto é, a prática enquanto fonte de conhecimento. A discussão em torno das fotografias e das frases a elas referidas prepara os alfabetizandos para apreender claramente o significado das afirmações feitas na página seguinte.

Simultaneamente com a leitura e a discussão dos pequenos textos é preciso estimular os alfabetizandos a escrever. Daí que o convite à redação se encontre em todas as páginas do Caderno. É interessante observar, contudo, que, até a página cinco, simplesmente convidamos os alfabetizandos a escrever, após a leitura de pequenas frases. Dizemos apenas: Vamos escrever, o que pode ser copiar a frase lida. Na página seis, deliberadamente, somos mais precisos. Propomos que escrevam frases com quatro palavras estudadas no Primeiro Caderno: POVO, FÁBRICA, BONITO e TRABALHO. Na página sete, voltamos a enfatizar o valor da prática, num



texto ainda pequeno, mas um pouco maior do que os dois anteriores:

Antônio, Maria, Pedro e Fátima sabem ler e escrever. Aprenderam a ler praticando a leitura. Aprenderam a escrever praticando a escrita.

É praticando que se aprende.

Em seguida ao texto, mais uma vez:

Vamos escrever.

Como sempre, leitura do texto, silenciosa e em voz alta e discussão. Quanto à parte de escrita, há três possibilidades de exercícios que o animador pode propor aos alfabetizados para que escolham:

a) Uma cópia do texto.

b) Um ditado do texto.

Neste caso, é preciso deixar claro aos alfabetizados que o ditado não será feito para provar se eles sabem ou não escrever. Pelo contrário, o ditado é um exercício de fixação e de reconhecimento. Por isso, no caso de dúvida em torno da grafia de uma palavra devem comunicar ao animador para que este a escreva no quadro negro.

c) Uma redação livre, em que cada um escreve sobre o que quer.

Na página oito, oferecemos, de novo, quatro palavras, três das quais, estudadas como palavras geradoras no Primeiro Caderno, para que escrevam frases com elas:

PRODUÇÃO

RIQUEZA

CACAU E

INDEPENDÊNCIA



É interessante que, em primeiro lugar, um dos alfabetizandos leia, em voz alta, o que está escrito nesta página. Em seguida e antes mesmo de qualquer tentativa de escrita de frases com as palavras oferecidas, que se faça uma conversa ampla sobre a significação do conteúdo das quatro palavras na transição em que estamos.

Na página seguinte, novo exercício de leitura e de escrita. Mas, desta vez, propomos uma série bem maior de palavras que se acham mais ou menos organizadas num quase texto:

CONSTRUIR  
PAIS  
SOBERANO  
SEM EXPLORAÇÃO  
MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DE SÃO TOMÉ  
E PRÍNCIPE - M.L.S.T.P.  
GUIA POVO.

A primeira leitura, em voz alta e pausadamente, desta página, deve ser feita pelo camarada animador, enquanto os alfabetizandos a acompanham silenciosamente. Em continuação, dois ou três alfabetizandos lêem a página em voz alta, após o que o animador lhes pergunta se as palavras que acabaram de ler, reunidas como estão, têm alguma significação. É importante estimulá-los no sentido de ver se, interpretando o quase texto, o completam, organizando então as palavras de outra maneira. Exemplo:

Com o Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe -  
M.L.S.T.P. - guia do nosso Povo, estamos a construir um  
país soberano, sem exploração de uns por outros.

Somente depois deste tempo dedicado à oralidade é que vem o momento da escrita.

O texto seguinte não apenas aproveita algumas das palavras básicas usadas na página anterior, mas desenvolve a mesma temática.



Na sua discussão, portanto, é interessante voltar à página nove, mostrando esta relação.

Na página onze mudamos um pouco de procedimento. Apresentamos cinco palavras e, logo abaixo, um texto bastante maior, que deve ser bem discutido por sua importância política.

ESCOLA  
ROÇA  
TERRA  
PLANTAR  
PRODUTO.

Antes da Independência, a maioria de nosso Povo não tinha escolas. As roças, com suas terras de plantar, pertenciam aos colonizadores. O produto de nosso trabalho era deles também.

Com a Independência tudo está a ficar diferente. Temos mais escolas para nossas crianças e o Povo começou a estudar.

A luta continua. A vitória é nossa.

Parte oral:

Leitura em voz alta, pelo animador.

Os alfabetizando acompanham esta leitura fazendo a sua silenciosamente.

Leitura em voz alta pelos alfabetizando.

Discussão em torno do conteúdo do texto.

Parte escrita:

hipóteses de exercícios.

- a - Cópia do texto.
- b - Ditado do texto.
- c - Escrever sobre o texto lido e discutido.



Na página doze, voltamos a insistir sobre a importância da prática. Propomos quatro palavras em torno das quais desenvolvemos um texto cujo conteúdo político merece uma séria discussão.

Terminado o texto sugerimos, de forma direta, que os alfabetizando escrevam sobre ele.

É indispensável que o animador estimule ao máximo a interpretação do texto e a expressão oral desta interpretação antes que os alfabetizando tentem escrever sobre ele.

Nas páginas treze, catorze e quinze, através de exemplos concretos, introduzimos os verbos SER, ESTAR e TER no tempo Presente do Modo Indicativo, sem, contudo, falar em verbo nem tão-pouco em tempo ou modo. O importante, nestas páginas, é exercitar o uso destes verbos fundamentais e discutir a significação política das frases em que eles se acham. Mais adiante, no primeiro momento da pós-alfabetização, iniciaremos o estudo dos verbos, mesmo que de forma ainda introdutória.

Sem pretendermos reduzir a importância das páginas dezasseis e dezassete às afirmações que se acham na parte superior das mesmas, pois que, na dezasseis, temos uma estrofe do nosso Hino e, na dezassete, um texto de real significação política, sugerimos, contudo, que se dedique bom tempo à discussão em torno delas.

Na análise destas duas páginas, o camarada animador tem uma outra possibilidade de trabalho - a de tomar as afirmações que encimam as páginas como se fossem um texto autônomo. No caso de assim proceder, escreveria no quadro negro:

NINGUÉM IGNORA TUDO. NINGUÉM SABE TUDO. (pag. 16)

TODOS NÓS SABEMOS ALGUMA COISA. TODOS NÓS IGNORAMOS  
ALGUMA COISA. POR ISSO, APRENDEMOS SEMPRE. (pag. 17)

Leitura silenciosa; leitura em voz alta. Interpretação, discussão.



Esta discussão sobre o acto de conhecimento como um processo social permanente que implica na acção transformadora dos seres humanos sobre a realidade será retomada no Segundo Caderno de Cultura Popular, no começo da pós-alfabetização. Na etapa da alfabetização, é preciso, porém, que algo já se diga em torno deste problema.

As páginas dezoito e dezanove são dedicadas ao nosso dinheiro: a Dobra. Ao redigirmos as poucas frases destas duas páginas pretendemos, de um lado, dizer da nossa satisfação por termos já o nosso dinheiro mas, de outro, deixar claro que a Dobra é somente um instrumento na luta de reconstrução nacional. A Dobra sozinha não significa a nossa independência econômica. Temos, pois, de produzir cada vez mais.

As páginas vinte e vinte uma, cheias de frases de um significado altamente político, introduzem os pronomes pessoais, os subjectivos: EU, TU, ELE, ELA; NÓS, VÓS, ELES, ELAS e os objectivos: me, mim, comigo; te, ti, contigo, etc. A intenção no momento, é eminentemente prática. Na pós-alfabetização, voltaremos a este ponto de maneira mais detida. Não será demasiado insistir numa análise compreensiva das frases em que os pronomes se encontram.

Os textos que vêm nas páginas vinte e três e vinte e quatro que, tanto quanto os outros, devem ser lidos e discutidos, são textos de motivação para que os alfabetizandos comecem a escrever pequenas histórias, a escrevê-las como se estivessem conversando. Por isso é que, na página vinte e dois, transcrevemos, como estímulo, uma história de nós todos conhecida: A CASA DO MÊ PLAMÁ.

Reconhecendo, embora, não ser fácil aos camaradas alfabetizandos atender ao nosso apelo, escrevendo suas histórias, é importante insistir, é importante motivá-los a que o façam.

Gostaríamos agora, no fim desta carta, de dizer o seguinte:



quanto melhor tenham dominado os dois Cadernos tanto mais capacitados estarão os alfabetizados para entrar na pós-alfabetização. Calculamos sete meses de trabalho sério, mas sem nenhuma rigidez neste cálculo, para que os alfabetizados alcancem este domínio sobre os dois Cadernos.

Durante a primeira fase, a do domínio dos dois Cadernos, o Camarada animador deve ir introduzindo exercícios de cálculo mental que prepar<sup>em</sup> os alfabetizados para, no começo da pós-alfabetização, vencer facilmente as quatro operações. Exercícios simples, no início; mais complicados, depois.

O fundamental, repitamos, é que as camaradas e os camaradas alfabetizados cheguem ao fim da primeira fase de estudo lendo sem dificuldade, escrevendo razoavelmente bem, com a sua curiosidade aguçada pelo exercício das discussões em torno de variados temas e experimentados nos cálculos mentais. Se conseguirmos estes resultados no período de sete meses teremos dado uma indiscutível contribuição ao esforço de reconstrução nacional. A partir daí vamos tratar de consolidar os conhecimentos adquiridos. Ao fazê-lo, ampliaremos as áreas de conhecimentos que irão sendo aprofundados também em etapas consecutivas da pós-alfabetização. Este será o assunto ou o tema da nossa próxima carta.



## Q U A R T A   C A R T A

Camaradas:

O assunto desta carta, a quarta que lhes escrevemos, é a pós-alfabetização. Vamos discutir nela alguns princípios gerais da pós-alfabetização à luz, porém, da nossa realidade e da prática que temos tido na alfabetização.

Comecemos a lembrar afirmações que fizemos na Primeira Carta. A alfabetização, dissemos nela, é um acto de conhecimento e, como toda educação, é um acto político. Acto de conhecimento que envolve, de um lado, o educador, de outro, os educandos. Acto de conhecimento em que educador e educandos são sujeitos curiosos da mesma procura e em que, por isso mesmo, não cabe ao primeiro fazer puras transferências de informação aos segundos nem a estes simplesmente memorizar, de maneira mecânica, os ba, be, bi, bo, bu. Mais ainda, acto de conhecimento que tendo como objecto a palavra escrita, o domínio do papel dos "bocados" na composição das palavras e o destas na composição das frases, na expressão do pensamento, inclui, necessariamente, a compreensão crítica da temática ligada às palavras geradoras.

Tendo como objectivo o aprendizado da leitura e da escrita, a alfabetização joga com a língua e com a linguagem, joga com o pensamento e não há linguagem e pensamento desligados da realidade concreta dos seres humanos. Daí que as palavras geradoras envolvam temas significativos, expressões da realidade concreta dos alfabetizandos. Daí que sempre tenhamos insistido na discussão em torno da temática ligada às palavras geradoras, cuja compreensão mais profunda e sistemática se irá dando nas etapas seguintes que constituem a pós-alfabetização. Daí, igualmente, que o aprendizado da escrita e da leitura não possa reduzir-se a um puro "treino" mecânico do qual resulte a memorização de "bocados" e de palavras.



As próprias relações entre a alfabetização, em particular e a educação, em geral, e o trabalho produtivo não podem ser relações puramente utilitárias, como se, aproveitando, no caso dos alfabetizandos, a sua motivação para ler e escrever, devêssemos juntar a este aprendizado, o de destrezas com as quais produzissem mais. O que temos de fazer, com vistas à produtividade, não é distribuir destrezas para ler e escrever nem destrezas para mais produzir. Temos, pelo contrário, é de estimular a capacidade crítica dos alfabetizandos para que alcancem a compreensão correcta do acto de ler e de escrever palavras ao mesmo tempo em que fazem a "leitura" da sua realidade. "Leitura" que, por sua vez, inclui o entendimento igualmente crítico do processo produtivo. A formação tanto quanto o aperfeiçoamento técnico, numa perspectiva política como a nossa, seja concomitante com a alfabetização ou com a pós-alfabetização, demanda sempre aquele crítico entendimento do processo produtivo. Alguma coisa realmente séria e não o adestramento estreito e alienante a que nos referimos anteriormente.

Esta preocupação com o desenvolvimento de uma forma correcta de pensar, com o estímulo à criatividade dos alfabetizandos, como sujeitos do processo da sua alfabetização, se evidencia facilmente nos dois textos básicos usados na etapa da alfabetização. O PRIMEIRO CADERNO DE CULTURA POPULAR e o CADERNO DE EXERCÍCIOS, PRATICAR PARA APRENDER. Em ambos, os alfabetizandos são convidados a conhecer e não a receber passivamente depósitos ou "pacotes" de conhecimentos. Em ambos, insistimos na prática enquanto fonte de conhecimento bem como em ambos não escondemos a nossa posição política - a do nosso Movimento, o MLSTP.

Em síntese, poderíamos dizer, que, na etapa da alfabetização, os alfabetizandos vão apreendendo os pontos básicos da leitura e da escrita de palavras e de frases simultaneamente com a "leitura" da realidade, no processo da descodificação. Em seguida, na transição à pós-alfabetização, consolidam os conhecimentos adquiridos



e se capacitam para o seu aprofundamento, que vem na pós-alfabetização. A primeira fase, a da alfabetização, gira, como sabemos, em torno dos dois cadernos, o PRIMEIRO CADERNO DE CULTURA POPULAR e o CADERNO DE EXERCÍCIOS.

Com o domínio destes dois Cadernos, quando os alfabetizados já lêem e já escrevem com relativa facilidade, tendo-se experimentado também nos cálculos mentais, estão aptos a iniciar a primeira etapa da pós-alfabetização. Esta é, como não poderia deixar de ser, o mesmo acto de conhecimento que teve início na alfabetização.

Mas, o mesmo acto que, já diversificado na alfabetização, se vai sistematizando e aprofundando cada vez mais.

Que queremos dizer com isto? 1 - que, na pós-alfabetização, o papel dos educandos nas suas relações com o educador, como o deste, mediados pelo objecto a ser conhecido, continua a ser o mesmo. O papel de sujeitos curiosos, que procuram desvelar o objecto, conhecer mais e mais a sua razão de ser. Neste sentido, quanto melhor tenham assumido este papel na fase da alfabetização, no aprendizado da leitura e da escrita da palavra e no da "leitura" da sua realidade, através da análise das codificações, tanto mais criticamente o assumirão na pós-alfabetização. Quanto mais tenham percebido, na fase da alfabetização, que não apenas lhes é necessário mas também lhes é possível conhecer melhor o que já conhecem, devido à sua própria prática, e conhecer o que ainda não conhecem, tanto melhor exercem o seu papel de sujeitos de conhecimento na pós-alfabetização. Quanto mais percebam, na alfabetização, a necessidade de superar a compreensão mais ingênua, mais simples, que têm dos factos, por uma compreensão mais crítica, tanto mais curiosos se tornam na pós-alfabetização. 2 - que, na pós-alfabetização, a pouco e pouco, a análise da realidade vai se tornando mais aguda, mais penetrante, menos superficial, mais metódica. A pouco e pouco se vai procurando



conhecer a razão de ser dos factos e se vai ultrapassando a mera opinião que se tem deles. Vai-se ficando mais exigente na compreensão e na explicação dos factos. Já não satisfaz simplesmente dizer: penso que isto é assim ou isto é assim porque é assim mas, pelo contrário, se procuram as causas explicativas dos factos. Vai-se superando um modo mágico de pensar por um outro, cada vez mais crítico. O trovão e o relâmpago já deixam de ser o sinal da raiva dos deuses para ser compreendidos como o resultado do choque entre nuvens carregadas, umas, de electricidade positiva; outras, de electricidade negativa.

Como estamos a ver, este aprofundamento do acto de conhecimento, que se dá nos diferentes momentos da pós-alfabetização, implica num rigor cada vez maior na análise e na explicação dos factos. Implica na sistematização dos conhecimentos que os educandos já têm, em função da sua própria prática. Pensar cada vez mais rigorosamente na análise dos factos, na sua interpretação, não é exclusividade dos chamados intelectuais. O Povo não apenas tem o direito de pensar rigorosamente mas pode fazê-lo. E é a partir dos níveis de compreensão que o Povo está a ter da sua realidade, nas suas relações com ela, que procuramos juntos alcançar outros níveis de pensamento mais rigoroso e de análise mais crítica.

Na etapa da alfabetização, como na da transição desta à pós-alfabetização, analisamos uma rica e variada temática ligada às palavras geradoras ou não. Se, de um lado, do ponto de vista da nossa opção política, esta análise, que era uma "leitura" ou "re-leitura" da realidade, não podia deixar de ser feita, de outro, não podia ser realizada de maneira penetrante.

Na etapa da alfabetização e mesmo na da transição à pós-alfabetização, a análise da temática, através da descodificação, é preponderantemente ligeira e horizontal. O que se pretende com ela não é ainda uma compreensão profunda da realidade que se



está a analisar, mas desenvolver a capacidade crítica dos alfabetizandos, enquanto sujeitos de conhecimento, desafiados pelo objecto a ser conhecido.

Em outras palavras, em tal etapa, nos círculos de cultura - o animador, de um lado; os alfabetizandos, de outro, e todos voltados à análise das codificações que, englobando as palavras geradoras, englobam uma temática significativa, o que se busca, fundamentalmente, é um comportamento distinto do que normalmente temos fora dos círculos, na vida diária. Na nossa experiência de todos os dias, que constitui a nossa quotidianidade, as nossas relações com o mundo se dão, de modo geral, de maneira rotineira e repetitiva. É como se estivéssemos muito mais "imersos" no mundo ou por ele envolvidos do que por ele desafiados a recriá-lo através da nossa acção transformadora, de que resulta o nosso conhecimento dele. É claro que, nesta prática diária, nos damos conta das coisas que nos cercam. Temos consciência delas e consciência de nós, nas nossas relações com elas. Mas, a nossa atitude diante delas raramente vai mais além do mero facto de constatar a sua presença. Em outras palavras, não "tomamos distância" delas para indagar da sua razão de ser. A nossa "convivência" com elas nos leva a "acostumar-nos" com elas. Desta forma, o conhecimento que indiscutivelmente ganhamos em tal prática resta ao nível do simples dar-nos conta da existência das coisas e dos factos e este não é um conhecimento cabal. Falta-lhe rigor. É a este nível que dizemos: penso que isto é assim ou: isto é assim porque é assim.

Agora, começa a ficar mais claro o que dissemos antes, quando afirmamos que, na alfabetização e mesmo na transição desta à pós-alfabetização, o que se pretende não é ainda uma compreensão profunda da realidade que se está a analisar, mas desenvolver a capacidade crítica dos alfabetizandos enquanto sujeitos de conhecimento, desafiados pelo objecto a ser conhecido. É exactamente a experiência desta nova relação que é fundamental. A relação do



sujeito que procura conhecer com o objecto a ser conhecido. Será a prática desta atitude crítica de sujeito que conhece em face do objecto de conhecimento, como uma das expressões das transformações revolucionárias que a sociedade vai sofrendo, que irá levando os alfabetizandos a superar velhas formas de comportar-se diante do seu mundo. Velhas formas, cristalizadas na sua experiência quotidiana. Será a prática desta atitude crítica de sujeito que conhece em face do objecto a ser conhecido que irá levando os alfabetizandos, de um lado, a superar a sua quase "imersão" na realidade, de outro, que os irá preparando para um maior rigor de pensamento e de análise. Maior rigor de pensamento e de análise a desenvolver-se nas diferentes etapas da pós-alfabetização.

No segundo dia de funcionamento dos Círculos de Cultura de Monte Mário, em que se tinha como geradora a palavra BONITO e como codificação um desenho expressivo do povoado, com a sua vegetação, as suas casas típicas, com barcos de pesca ao mar, alguns alfabetizandos, por si mesmos, se aproximaram da parede onde se achava a codificação e a observaram, de perto, atentamente. Em seguida, foram à janela, olharam o povoado lá fora, o seu mundo, o mundo da sua quotidianidade. Entreolharam-se e disseram: "É Monte Mário. Monte Mário é assim e nós não sabíamos."

Através da codificação aqueles camaradas "tomavam distância" do seu mundo e o reconheciam. Em certo sentido, era como se estivessem "emergindo" do seu mundo, "saíndo" dele, para melhor conhecê-lo. No Círculo de Cultura, naquela tarde, estavam a ter uma experiência diferente: "rompiam" a sua "intimidade" estreita com Monte Mário e punham-se diante do pequeno mundo da sua quotidianidade como sujeitos observadores.

No Círculo de Cultura, enquanto contexto que costumamos chamar teórico, esta atitude de sujeito curioso e crítico é o ponto de partida fundamental a começar na alfabetização. Será, digamos



mais uma vez, o exercício desta actividade crítica, na análise da nossa realidade em processo de transformação revolucionária, que possibilitará aos alfabetizandos, de um lado, aprofundar o acto de conhecimento na pós-alfabetização; de outro, assumir diante da sua quotidianidade uma posição mais curiosa. A posição de quem se indaga constantemente em torno da própria prática, em torno da razão de ser dos factos em que se acha envolvido. Mas, se é nas diferentes fases da pós-alfabetização que o acto de conhecimento iniciado na alfabetização se vai aprofundando mais e mais, é preciso que, na primeira etapa, ao irem assumindo o papel de sujeitos da sua própria alfabetização, os alfabetizandos sejam desafiados a perceber os factos em suas relações uns com os outros. As relações entre os diferentes aspectos, problemas ou temas que se acham representados nas codificações em que se encontra também a palavra geradora. Se, nesta etapa, como já dissemos, a descodificação não pode ser uma análise profunda e penetrante do objecto, (codificação) não podemos deixar de insistir na compreensão globalizante da temática em estudo.

Assim, por exemplo, quando, na etapa da alfabetização, discutimos a codificação que introduz a palavra MATABALA, é importante sublinhar as relações entre nutrição e saúde, entre saúde e produção, entre produção e diversificação da cultura, etc. Sublinhar estas relações, aproveitando sempre a própria análise que os alfabetizandos vão fazendo da codificação.

Um exercício realmente interessante ao qual os camaradas animadores poderiam dedicar-se seria o de, baseando-se na sua própria prática nos Circulos de Cultura, estabelecer as relações entre os vários problemas que se acham contidos nas codificações do Primeiro Caderno de Cultura Popular. Um tal exercício os ajudaria enormemente no trabalho de descodificação e melhoraria, estamos certos, o que tentámos fazer na segunda carta.

Discutamos agora, nas suas linhas gerais, o programa de trabalho



para a pós-alfabetização, à luz da nossa realidade. Programa que, não sendo rígido, estará sujeito a modificações que a prática nos indicará.

A primeira etapa da pós-alfabetização, cujo tempo de duração previsto, sem rigidez, é de um ano, tem como objectivos:

- 1 - Consolidar os conhecimentos adquiridos na fase anterior, no campo da leitura, da escrita e do cálculo mental;
- 2 - aprofundar estes conhecimentos, através da introdução sistematizada dos rudimentos básicos de gramática (categorias gramaticais) e da aritmética; (as operações fundamentais);
- 3 - continuar, de maneira mais profunda, a "leitura" da realidade, através da leitura de textos, que envolvem uma temática variada e rica;
- 4 - desenvolver a capacidade de análise crítica da realidade e a expressão oral e escrita desta análise;
- 5 - preparar os educandos para a etapa posterior na qual, de acordo com as necessidades impostas pela reconstrução nacional, serão criados cursos de formação técnica, jamais tecnicista, em diferentes sectores. Vale dizer que estes cursos de capacitação formarão especialistas com uma visão crítica e por isso global do seu que-fazer e não estreita e alienada.

Creemos da mais alta importância salientar aqui, mais um vez, algo que afirmámos na terceira carta e a que nos referimos nesta também: O cuidado e a seriedade com que devemos trabalhar na primeira fase, a da alfabetização e a da transição desta à pós-alfabetização. É absolutamente necessário que os alfabeti-



zandos cheguem ao primeiro momento da pós-alfabetização com um real domínio sobre o Primeiro Caderno de Cultura Popular e sobre o Caderno de Exercícios, Praticar para Aprender. É preciso, na verdade, que os alfabetizados cheguem à pós-alfabetização com a experiência do exercício da sua curiosidade diante dos problemas e não como repetidores; é preciso que cheguem à pós-alfabetização familiarizados com os cálculos mentais e com um máximo de capacidade de leitura, de escrita e de interpretação. O êxito da pós-alfabetização vai depender fundamentalmente do que se tenha realizado na etapa da alfabetização.

No sentido de alcançar os objectivos previstos para a primeira fase da pós-alfabetização, de que falamos na página anterior, contaremos com uma série de materiais. Estes materiais, a maioria ainda em preparação, alguns, porém, já elaborados, são Cadernos de Cultura Popular e colecções de "slides". Nesta carta nos deteremos na análise de um apenas destes materiais, deixando para as próximas cartas o estudo dos demais. Antes de analisar o primeiro destes Cadernos, façamos uma referência ao conjunto deles, partindo, porém, dos que vêm sendo usados na fase da alfabetização.

ALFABETIZAÇÃO  
A LUTA CONTINUA  
PRIMEIRO CADERNO DE CULTURA POPULAR

A LUTA CONTINUA  
CADERNO DE EXERCÍCIOS - PRATICAR PARA APRENDER

PÓS-ALFABETIZAÇÃO  
SEGUNDO CADERNO DE CULTURA POPULAR  
NOSSO POVO  
NOSSA TERRA  
TEXTOS PARA LER E DISCUTIR  
(INICIAÇÃO À GRAMÁTICA)



TERCEIRO CADERNO DE CULTURA POPULAR

NOSSO POVO  
NOSSA TERRA

TRABALHO  
PRODUÇÃO  
E  
CONTA

QUARTO CADERNO DE CULTURA POPULAR

NOSSO POVO  
NOSSA TERRA

TRABALHO  
PRODUÇÃO  
CULTURA  
E  
SAÚDE

QUINTO CADERNO DE CULTURA POPULAR

NOSSO POVO  
NOSSA TERRA

TRABALHO  
E  
PRODUÇÃO  
AGRICOLA

SEXTO CADERNO DE CULTURA POPULAR

NOSSO POVO  
NOSSA TERRA

TRABALHO  
PRODUÇÃO  
CULTURA  
E  
HISTÓRIA

Além destes Cadernos haverá um sobre cada Ministério, de tal



modo que a análise de cada um dos diferentes Ministérios dê uma visão global da organização politico-administrativa do Estado. A estes Cadernos se juntará um outro sobre o M.L.S.T.P. em que se discutirão as relações entre o Movimento e o Governo. Este Caderno sobre o Movimento será um texto básico para a formação militante.

Na medida em que estes pequenos livros forem sendo usados, outros tantos, não necessariamente elaborados por nós, mas fundamentais ao aprofundamento dos conhecimentos dos educandos, irão sendo postos à sua disposição.

Esperamos, por outro lado, recolher textos escritos pelos educandos, para cuja redacção começam a ser motivados desde a fase da alfabetização, organizando, com eles, alguns cadernos também.

Há um aspecto que caracteriza os pequenos livros que estamos a organizar e que gostaríamos de salientar. Os seus textos nem fazem doações ao leitor nem se entregam facilmente a ele. Pelo contrário, os seus textos exigem sempre do leitor para o qual foram ou estão a ser escritos um trabalho sério na busca da sua compreensão. Procuramos, ao redigi-los, uma linguagem simples, jamais simplista. A simplicidade não tem nada que ver com o simplismo. Na simplicidade se vai a fundo nas coisas, de maneira acessível, não complicada. No simplismo não apenas se fica na pura periferia do objecto tratado mas, sobretudo, se toca no objecto de maneira pouco séria. Como educadores revolucionários, nas nossas relações com o Povo, temos o dever, de um lado, de ser simples, de outro, por isso mesmo, de recusar as posições simplistas que nem sempre revelam apenas incompetência, mas, sobretudo, uma certa ideologia elitista. A atitude simplista por parte de alguns chamados intelectuais com relação ao Povo é a expressão do seu elitismo e da sua descrença no Povo. Ao analisarem, de forma simplista, a realidade, nas suas relações com o Povo, é como se proclamassem a sua convicção no



que lhes parece ser uma "incapacidade natural" do Povo para pensar com rigor, o que de facto não existe.

Fixemo-nos, agora, na análise do Segundo Caderno de Cultura Popular - Textos para Ler e Discutir, Iniciação à Gramática.

Este Caderno é o livro que introduz os recém-alfabetizados à pós-alfabetização. Como o seu próprio nome indica, é um livro de textos e uma iniciação à gramática. Mas, como o seu nome também deixa claro, os textos são para ser lidos e discutidos, quer dizer, para ser compreendidos, analisados, interpretados, debatidos. A atitude, portanto, dos educandos como dos animadores, diante dos textos, não pode ser outra senão a atitude curiosa, penetrante, indagadora, de que tanto temos falado. A atitude de quem realmente estuda, isto é, de quem recria e não a de quem memoriza mecanicamente.

Grande parte da temática, bastante diversificada, contida nos textos, foi discutida, de maneira ligeira e horizontal, na etapa da alfabetização e na da transição desta à pós-alfabetização. Na etapa da alfabetização, durante a análise das codificações e o estudo do Caderno de Exercícios. Na etapa da transição à pós-alfabetização, de um lado, na descodificação das dez codificações da Segunda Parte do Primeiro Caderno de Cultura Popular e, de outro, na interpretação dos textos do Camarada Presidente. Agora, com o Segundo Caderno de Cultura Popular, no primeiro momento da pós-alfabetização, o que se pretende, ao lado da consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente, é aprofundar e ampliar estes conhecimentos, intensificando a capacidade de pensar criticamente. Todo o livro está estruturado com vistas a este objectivo. O estudo introdutório das categorias gramaticais não poderia fugir a ele. Daí que não se reduz a puras lições de gramática, procurando, pelo contrário, estimular o raciocínio dos educandos. O verbo, o substantivo, o adjectivo, o pronome, etc., são apresentados de



maneira viva, através de exemplos concretos. Não são propostos como algo que deve ser mecanicamente memorizado, mas compreendido na organização do pensamento. Aparecem sempre em pequenas frases ou textos, que tendo um conteúdo político, não são, contudo, meras frases feitas ou "slogans". Este conteúdo político definido, eminentemente democrático e que atravessa o livro inteiro, expressa, como não poderia deixar de ser, os princípios fundamentais do nosso Movimento. De facto, para o M.L.S.T.P., a transformação revolucionária da nossa sociedade não é algo a ser feito somente para as massas populares, mas com elas, como sujeitos da história.

Uma das nossas tarefas, no campo da educação de adultos, é a de contribuir para esta presença crítica do nosso Povo no processo de transformação revolucionária da nossa sociedade. Daí que os materiais que estamos a preparar se orientem, digamos mais uma vez, no sentido de estimular, entre os educandos, uma forma crítica de pensar, uma forma rigorosa de analisar a realidade em transformação.

A primeira sugestão que daríamos aos camaradas animadores, com relação a como trabalhar com o Segundo Caderno de Cultura Popular, seria que o estudassem (e não apenas o lessem) cuidadosamente, antes do primeiro encontro com os educandos, em que estes terão a primeira experiência com o Caderno. Em outras palavras, que os camaradas tomem o Caderno, em sua totalidade, como um objecto de sua curiosidade. Que reflectam sobre cada texto, sobre cada afirmação; que consultem, ao longo do estudo de cada página, o vocabulário que se acha na parte final do livro. Que não deixem um texto antes de alcançar a sua compreensão, antes de dominá-lo mais ou menos bem. Que procurem estabelecer as relações entre o conteúdo dos textos e os temas que foram discutidos, não profundamente, na etapa da alfabetização. Será interessante, por outro lado, no momento em que os camaradas estudam o livro, que, após fazerem a leitura silenciosa de cada texto, façam a sua leitura em voz alta. É importante que os



Camaradas animadores se exercitem na leitura dos textos para que, ao lê-los em face dos educandos, o façam com simplicidade e desenvoltura. A "convivência" que os camaradas animadores devem ter com os textos do livro é absolutamente necessária a um maior rendimento das suas actividades político-pedagógicas nos Circulos de Cultura. Quanto mais conheçam os textos, quanto mais tenham reflectido sobre eles, perguntando-se, indagando-se, tanto mais estarão aptos a aprofundar os debates em torno deles com os educandos. Na verdade, como já dissemos antes, os textos foram escritos para ser discutidos e não para ser lidos mecanicamente e mecanicamente memorizados.

Esclarecer os educandos em torno deste aspecto, na primeira reunião de um Circulo de pós-alfabetização, é absolutamente fundamental. Os primeiros momentos da primeira reunião de um Circulo de pós-alfabetização devem ser, por isso mesmo, dedicados a uma espécie de balanço do que foi feito na etapa da alfabetização e a uma reflexão sobre o que se poderá fazer na pós-alfabetização. É importante, pois, que o animador chame a atenção dos educandos para a tarefa comun de discutir, de reflectir, de estudar. É importante que o animador insista em que o livro que cada um dos educandos tem na mão, o Segundo Caderno de Cultura Popular, foi escrito para ser lido e compreendido. Por isso mesmo, não podemos ler os seus textos como quem procura decorá-los, repetindo simplesmente as palavras e as sentenças de cada página.

Estas considerações iniciais se encontram, de maneira simples, na introdução do livro, cuja leitura deve ser começada assim que concluída a conversação sugerida acima.

É preciso, porém, não esquecer que esta reunião é a primeira da etapa da pós-alfabetização. Assim, cabe ao animador fazer a primeira leitura do texto, em voz alta e pausada, enquanto os educandos vão seguindo esta leitura silenciosamente. Feito este



primeiro exercício, o animador pergunta quem, entre os educandos, gostaria de ler, em voz alta, uma parte do texto, enquanto os demais o ou a acompanham silenciosamente. Quando quatro, cinco ou seis, lendo em voz alta, tenham chegado ao término do texto, o animador fará uma outra leitura, em voz alta também e, em seguida, começará a discussão do texto. Uma possibilidade de iniciar esta discussão pode ser, por exemplo, reler o começo da introdução, fazendo perguntas logo depois.

"Com o Primeiro Caderno de Cultura Popular e com o Caderno de Exercícios aprendeste a ler, na prática da leitura. Aprendeste a escrever, na prática da escrita. Praticaste a leitura e a escrita ao mesmo tempo em que tiveste também a prática de discutir assuntos de interesse do nosso Povo."

Que significa aprendeste a ler na prática da leitura; aprendeste a escrever na prática da escrita?

Que podemos entender por: tiveste também a prática de discutir assuntos de interesse do nosso Povo? Que assuntos foram estes? Por que a prática é importante?

O mesmo procedimento deve ser aplicado ao resto do texto e a todos os demais que constituem o livro. O fundamental é que este texto introdutório, como qualquer outro, seja compreendido e não apenas lido de maneira mecânica. Daí a necessidade antes enfatizada de os camaradas animadores se prepararem constantemente para os seus encontros com os educandos no Círculo de Cultura. Por isso é que dissemos antes: quanto mais os animadores conheçam os textos, quanto mais tenham reflectido sobre eles, perguntando-se, indagando-se, tanto mais estarão aptos a aprofundar os debates em torno deles com os educandos.

A partir da leitura, da interpretação e da análise do primeiro



texto - a introdução - é necessário começar a habituar os camaradas participantes do Círculo a utilizar o vocabulário que se encontra no fim do Caderno.

Gostaríamos agora de chamar a atenção dos camaradas animadores para o facto de ser o acto de estudar o primeiro assunto tratado no livro. Fizemos isto conscientemente. Parecia-nos indispensável mesmo, que, no início das actividades da pós-alfabetização, propuséssemos o acto de estudar como nosso primeiro problema. Daí os dois textos sobre a significação do estudo, em que se fala da seriedade deste acto, do que ele exige de nós; do nosso papel de sujeitos curiosos em face do objecto de estudo; em que se sublinha o papel criador do sujeito que estuda, que não pode, por isso mesmo, contentar-se com a pura repetição memorizada do que ouve ou do que lê. Tudo isso deve ser bem discutido, bem compreendido, para que o acto de estudar em que estamos todos envolvidos se estenda e se aprofunde cada vez mais.

Tal qual foi feito com relação à Introdução, o animador ou animadora deve fazer a primeira leitura em voz alta e pausadamente do acto de estudar, A. Sugerimos, aliás, que esta prática se repita até o momento em que o animador perceba que a maioria dos participantes do Círculo, pelo menos, já lê com desenvoltura. Daí em diante, a primeira leitura em voz alta poderá ser feita por algum educando, enquanto os demais o seguem silenciosamente, para, em seguida, ler também em voz alta. Toda vez, porém, que o animador julgue necessário, fará uma leitura em voz alta deste ou daquele texto.

Terminada a leitura do Acto de estudar B, é interessante, antes de iniciar os debates, que o animador leia em voz alta a página anterior: o acto de estudar A. Em seguida, releia o acto de estudar B. Desta forma, os educandos percebem a unidade temática nos dois textos e, ao discutirem o que se afirma no segundo, relacionam com o que se disse no primeiro.



O próximo tema, apresentado em três páginas seguidas, é a reconstrução nacional. É claro, como os camaradas animadores sabem, que nenhum dos temas que constituem o Segundo Caderno de Cultura Popular poderia ser tratado, considerando o momento da pós-alfabetização para o qual o livro foi escrito, de maneira mais profunda. O que não significa, de modo algum, que devessem ter sido tratados sem seriedade. Por outro lado, a maior profundidade, com a qual discutiremos estes e outros temas amanhã, estará ligada, é necessário reconhecer, ao nível dos debates em que nos achamos hoje, como o que hoje estamos a fazer tem que ver com o que ontem foi feito, no período da alfabetização. Mais ainda, o aprofundamento, amanhã, da compreensão dos temas na análise dos textos está a exigir também o empenho dos animadores e animadoras na busca de saber mais, o que implica na sua e na nossa formação permanente.

### A Reconstrução Nacional

#### A-B-C.

Leitura em voz alta, feita pelo animador, enquanto os educandos seguem o texto silenciosamente.

Leitura em voz alta pelos educandos.

Discussão do primeiro texto.

Procurar no debate alcançar o máximo de compreensão do que foi lido. Estimular a oralidade simultaneamente com a interpretação do texto.

Estimular, também, a prática da escrita, que vem sendo suscitada desde a alfabetização.

Leitura do segundo texto - A Reconstrução Nacional (B)

Releitura do primeiro - A Reconstrução Nacional (A)

Debate do conteúdo do segundo, estabelecendo-se a relação com o que está dito no primeiro.

Leitura do terceiro - A Reconstrução Nacional (C)

Releitura dos dois primeiros.

Debate geral sobre o tema: Reconstrução Nacional.



A prática de o animador reler o texto já discutido, antes de debater o que acaba de ser lido, desde que fazem parte do mesmo tema, se aplica ao livro inteiro.

Terminada a leitura de A Reconstrução Nacional -C- teremos, de um lado, discutido seis pequenos textos, incluindo a introdução; de outro, tocado em diferentes aspectos de temas de real importância. O próximo passo que vamos dar, iniciando as nossas preocupações com a gramática, de um ponto de vista, porém, puramente preliminar, é o estudo do VERBO. Começamos pelo verbo pela sua importância na organização e na expressão do pensamento. É bom salientar, mais uma vez, que, ao propormos o estudo das categorias gramaticais (verbo, substantivo, adjectivo, pronome etc.) o nosso objectivo não é o de "levar" os educandos a memorizá-las, num esforço cansativo e inútil, mas, pelo contrário, ajudar os educandos a desenvolver uma forma crítica de pensar. Daí que não estejamos interessados na memorização de definições, mas no estímulo ao desenvolvimento da expressão oral e escrita, em termos críticos. A gramática, pois, a serviço desta expressão e não como negação dela. Por outro lado, ainda que em forma rápida, digamos que o estudo da língua portuguesa e da sua gramática em São Tomé e Príncipe não pode jamais esquecer o nosso contexto histórico-cultural, a nossa realidade econômica, social e política. A língua é algo vivo, dinâmico, que se transforma na prática social da qual é uma expressão. Não podemos aprisionar a língua nas gramáticas. Não são, em última análise, os gramáticos que fazem as línguas, mas o Povo que as fala e que, por isso, as recria.

Vejamos agora a primeira página de gramática. A sugestão inicial que fazemos é que esta página seja lida e discutida como os textos anteriores e não como se fosse uma simples "lição de gramática". Nada de lição. Um texto, isto sim, que deve ser compreendido. Neste sentido, uma vez mais o camarada animador faz a primeira leitura em voz alta, acompanhada pelos educandos, silenciosamente.



Em seguida, como de costume, a página é lida por alguns educandos para, imediatamente, começar-se a análise compreensiva do que está escrito. Discute-se, então, não apenas a importância do verbo na expressão do pensamento, mas também a significação das afirmações feitas com o uso do verbo ser.

"Eu sou militante do M.L.S.T.P., a vanguarda revolucionária do nosso Povo."

Que é um militante?

Que é o M.L.S.T.P.?

Que é a vanguarda?

etc, etc.

Antes de passar à outra página, dedicar algum tempo a exercícios preponderantemente orais com o verbo Ser.

O mesmo procedimento deve ser observado com relação às páginas seguintes, que introduzem o verbo TER e o verbo ESTAR.

#### TRABALHO E TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

##### A-B-C

Este tema é apresentado em três páginas, como o anterior.

#### TRABALHO E TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

##### -A-

Leitura em voz alta, feita pelo animador ou, se já lhe parece possível, por um dos educandos, enquanto os demais seguem a leitura silenciosamente. Leitura por parte dos educandos.

Discussão do texto.

Gostaríamos de chamar a atenção dos camaradas animadores para a necessidade de uma boa discussão destas páginas. O seu conteúdo temático é realmente importante pois que trata das relações



dinâmicas entre os seres humanos e a realidade objectiva. Relações em que os seres humanos ao transformarem, com o seu trabalho, o mundo, se transformam também.

#### TRABALHO E TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

-B-

Leitura em voz alta, feita pelo animador ou um educando.  
Leitura dos educandos.  
Releitura da página anterior.  
Discussão do texto, estabelecendo-se a relação entre ele e o da página anterior.

#### TRABALHO E TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

-C-

Mesmo procedimento:

Leitura em voz alta, pelo animador ou por um educando.  
Em seguida, por todos. Antes do debate, que o animador leia as três páginas, que tratam o mesmo tema. Que faça uma leitura clara, pausada.

Nas duas páginas que seguem voltamos a novos aspectos do estudo do verbo. Na primeira, vemos verbos que têm sentido em si mesmos: sonhar, viver, existir e verbos que necessitam de um complemento: quebrar, fazer, etc. Verbos que indicam estado, qualidade, etc como ser, estar, parecer e verbos que indicam movimento, como ir, dirigir-se, etc. Na segunda página, vemos os tempos verbais:

#### PRESENTE - PASSADO - FUTURO.

Insistimos, mais uma vez, em que estas páginas não devem ser tomadas como puras "lições de gramática" a ser decoradas. Pelo contrário, elas devem ser lidas e discutidas como as outras que as precedem.



Considerações em torno da luta de libertação e da sociedade nova são feitas nas três páginas que vêm.

A LUTA DE LIBERTAÇÃO -A-, A LUTA DE LIBERTAÇÃO -B-  
E A SOCIEDADE NOVA.

Não será demasiado recomendar, com insistência, a preocupação com uma leitura cuidadosa e séria destas páginas. Um esforço no sentido da compreensão crítica dos temas nelas tratados.

Na discussão, por exemplo, do primeiro texto, aproveitar a oportunidade para, falando do MPLA, Partido do Trabalho, da FRELIMO e do PAIGC, aprofundar os conhecimentos que os educandos já tenham em torno de Angola, de Moçambique e da Guiné e Cabo Verde. Da nossa luta comum, da solidariedade que nos une. Dos laços históricos e culturais que nos identificam.

Salientar a nossa resistência ao invasor colonialista, resistência que jamais parou.

Sublinhar o objectivo principal do nosso Movimento, o MLSTP, que é o de criar, com o nosso Povo, uma sociedade nova, sem explorados nem exploradores, uma sociedade realmente independente.

Além da leitura silenciosa e em voz alta dos três textos, além da sua discussão, propor aos educandos que identifiquem em cada uma das três páginas, na medida em que as leiam, os verbos existentes.

A estes três textos sobre a luta de libertação e a sociedade nova se segue o último capítulo dedicado ao estudo, apenas introdutório, do verbo. Nas três páginas deste capítulo, uma das quais é para exercício, recapitulamos os Tempos: Presente, Passado e Futuro, introduzimos os Modos, Indicativo, Conjuntivo, Imperativo e as Pessoas Verbais = EU, TU, ELE, ELA - Singular.



(Primeira, Segunda e Terceira pessoas) NÓS, VÓS, ELES, ELAS - Plural. (Primeira, Segunda e Terceira pessoas)

O procedimento para trabalhar sobre estas páginas é o mesmo já referido. Leitura compreensiva. Nenhuma preocupação com a memorização mecânica dos Tempos, dos Modos ou das Pessoas Verbais. Exercícios orais e escritos.

#### PRIMEIRO MOMENTO DE REVISÃO

A esta altura é tempo para uma revisão do que foi feito até agora. Para isto, deveremos dedicar, no mínimo, quatro sessões do Circulo. A primeira destas sessões de revisão ou de avaliação deve ser toda ela uma conversa franca, aberta, em que todos se vão expressando em torno do que foi feito, do que foi alcançado. Como vêem a sua experiência, o que acham da sua capacidade de ler, de escrever, de interpretar os textos. Que críticas, que sugestões têm a fazer. Em seguida, exercícios de expressão oral e escrita, em torno dos textos estudados até o momento.

Os três textos com os quais prosseguimos o nosso livro não são, como até agora, um, a continuação do outro. Isto não significa, porém, que não haja entre eles elementos de ligação. Na verdade, a ligação entre os diferentes textos se dá, ao longo do livro inteiro, através de uma solidariedade que os temas têm, uns com os outros.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo é o título do primeiro destes novos textos, cuja discussão deve começar precisamente por esta afirmação. O debate em torno desta afirmação do qual resulte a sua compreensão verdadeira é da mais alta importância. De facto, não há ignorância absoluta como não há sabedoria absoluta. Ninguém ignora tudo; ninguém sabe tudo. O conhecimento é um processo que implica na acção transformadora e recriadora dos seres humanos sobre a realidade.



É preciso insistir neste ponto, quer dizer, na aquisição do conhecimento como um processo constante. É necessário sublinhar a prática enquanto fonte de conhecimento e a possibilidade que temos de conhecer, amanhã, mais do que conhecemos hoje.

O texto seguinte trata do trabalho manual e do trabalho intelectual. O objectivo principal deste texto é salientar a unidade entre estas duas formas de trabalho.

O terceiro texto desta série é sobre a prática enquanto fonte de ensinamento. Na parte final do texto se diz: "seria interessante se os camaradas escrevessem numa folha de papel algumas das coisas que gostariam de conhecer. Fariamos um outro Caderno tratando os assuntos que os camaradas e as camaradas sugerissem." Ao discutir este texto será importante motivar os educandos a que, respondendo à proposta acima referida, expressem as suas preferências com relação a temas que gostariam de debater.

Não será demasiado chamar a atenção, mais uma vez, para a necessidade de uma leitura bem feita destes três textos e para uma boa discussão em torno dos mesmos a fim de que se chegue a uma compreensão crítica do seu conteúdo.

Como sempre, para qualquer texto:

Leitura em voz alta, feita pelo animador ou por um dos educandos enquanto os demais acompanham silenciosamente.

Leitura em voz alta de um por um até o término do texto.

Discussão.

Exercícios de gramática - aplicação do que já foi estudado.

As páginas que seguem tratam do substantivo e do adjectivo. Que se faça a leitura atenta das mesmas e que se dê atenção ao exercício que vem na página 31.



Até então os exercícios sugeridos têm sido preponderantemente orais. De agora em diante é preciso juntar à leitura e à análise dos textos exercícios de escrita aos quais os educandos já foram introduzidos na etapa da alfabetização. Sugerimos duas modalidades de exercícios escritos: o ditado e a redação livre.

Jamais, porém, como dissemos na carta anterior, fazer um ditado como se fosse uma "prova". Daí que, por isso mesmo, antes de iniciar o ditado de um pequeno trecho de um texto, se deva fazer uma leitura silenciosa do mesmo. Por outro lado, é preciso que os educandos saibam que, a qualquer dificuldade encontrada na grafia de uma palavra, podem pedir ao camarada animador que a escreva no quadro negro. Quanto mais evitarmos que os educandos escrevam uma palavra erradamente, melhor.

Na redação livre, como o nome está a indicar, os educandos escrevem sobre o que querem. Podem escrever sobre a sua experiência no trabalho; sobre o que pensam da sua prática no Círculo de Cultura; sobre a reconstrução nacional, etc. É possível também, aproveitando a discussão sobre o conteúdo de um texto, pedir que os educandos escrevam sobre o que discutiram.

O próximo tema, tratado em três textos seguidos, é o processo produtivo. Nosso procedimento com relação a este tema será igual ao que tivemos com relação ao da reconstrução nacional, apresentado também em três textos.

#### O PROCESSO PRODUTIVO

-A-

Leitura, em voz alta e silenciosa, Interpretação -  
discussão - exercícios que comprovem a compreensão.

#### O PROCESSO PRODUTIVO

-B-



Leitura em voz alta e silenciosa. Releitura do texto anterior. Discussão e interpretação do texto.  
O Processo Produtivo -B- em relação com o texto  
O Processo Produtivo -A-.

### O PROCESSO PRODUTIVO

-C-

Leitura dos três textos e discussão geral sobre o tema: O Processo Produtivo.  
Exercício escrito.

A página de gramática que vem imediatamente depois do tema o processo produtivo introduz o artigo definido - o - a - os - as e o indefinido - um, uma, uns, umas.

Seria interessante, após a fixação destes artigos, fazer exercícios orais e escritos com diferentes verbos. Jamais, porém, pedir aos educandos que conjuguem o verbo tal ou qual no tempo "a" ou "b". Pelo contrário, pedir sempre aos educandos que façam sentenças oralmente ou por escrito com este ou aquele verbo. Exercícios como este devem ser feitos constantemente, aproveitando-se inclusive a leitura dos textos.

A Acção de Transformar, Povo e Cultura e A Defesa da Nossa Cultura são os três textos com os quais prosseguimos.

É importante que os camaradas animadores, ao preparar-se para as suas actividades politico-pedagógicas no Circulo de Cultura, procurem identificar os pontos de ligação não apenas entre os três textos mas também entre eles e os anteriormente estudados. Este esforço, que preferimos deixar a cargo inteiramente dos camaradas animadores, lhes dará bases para a discussão com os educandos em torno do conteúdo dos textos.



Leitura compreensiva.  
Discussão - Interpretação.  
Exercícios orais e escritos.

Em seguida a estes textos reservamos uma página para mostrar, com exemplos bem concretos, o processo de comparação da qualidade dos substantivos.

Após a leitura em conjunto desta página, passar à seguinte, para a realização do exercício que vem nela:

- I - Esta menina é \_\_\_\_\_ bonita \_\_\_\_\_ Maria.
- II - João é muito forte. Ele é o \_\_\_\_\_ forte de todos.
- III - Antônio está fatigado. Ele é o \_\_\_\_\_ indicado para fazer este esforço agora.

No primeiro caso, podemos usar o comparativo de igualdade, o de superioridade e o de inferioridade.

Igualdade - Esta menina é tão bonita quanto Maria.

Superioridade - Esta menina é mais bonita do que Maria.

Inferioridade - Esta menina é menos bonita do que Maria.

No segundo caso, usamos o superlativo de superioridade:

João é muito forte. Ele é o mais forte de todos.

No terceiro, usamos o superlativo de inferioridade:

Antônio está fatigado. Ele é o menos indicado para fazer este esforço agora.

Seria um equívoco funeste se, em lugar de procurar que os educandos entendam o processo de comparação da qualidade dos substantivos (processo que não lhes é estranho) os animadores pretendessem "levá-los" a decorar ou memorizar este processo. Seria a negação, não apenas dos dois textos que vêm imediatamente sobre pensar correctamente, mas também do livro inteiro.



Pensar Bem - A -      Pensar Bem - B -

Com estes dois textos, como os camaradas animadores podem facilmente perceber, pretendemos, mais uma vez, desafiar os educandos a assumir uma atitude de permanente curiosidade diante dos factos. Uma atitude correcta, de quem indaga, de quem procura, de quem busca certificar-se e não de quem ouve passivamente e mecanicamente repete o que os outros dizem. Numa sociedade em processo de transformação revolucionária como a nossa esta atitude de quem procura, de quem busca certificar-se por parte de todos é absolutamente indispensável. Não é por outra razão que o nosso Movimento e o nosso Governo insistem sempre na participação conscientemente crítica do nosso Povo no esforço de reconstrução nacional.

PENSAR BEM

-A-

Leitura silenciosa e em voz alta.  
Interpretação - Discussão.  
Exercícios orais e escritos.  
Aplicação de alguns pontos gramaticais vistos antes.

PENSAR BEM

-B-

Leitura silenciosa e em voz alta.  
Releitura do texto anterior.  
Discussão do tema pensar bem.

SEGUNDO MOMENTO DE REVISAO.

Em primeiro lugar, gostaríamos de deixar bem claro aos camaradas animadores que não julgamos que estas sugestões para o trabalho com o Segundo Caderno de Cultura Popular esgotam a matéria. Há



muita coisa que deve ser feita e introduzida de acordo com a prática dos animadores e com a avaliação que façam da sua prática. É possível, também, que alguns animadores prefiram fazer a revisão não nos momentos que temos sugerido, mas um pouco antes ou depois. O importante é que se faça a revisão, dedicando-se a ela no mínimo quatro sessões.

Terminada a revisão, com tudo o em que ela implica: leitura de textos anteriormente estudados, expressão oral e escrita, exercícios com a matéria gramatical vista, passamos ao estudo dos pronomes pessoais. Pronomes pessoais subjectivos: EU - TU - ELE - ELA; NÓS - VÓS - ELES - ELAS - Pronomes pessoais objectivos:  
me - mim - comigo  
te - ti - contigo  
lhe - o - a - se - si - consigo  
nos - conosco  
vos - convosco  
lhes - os - as - se - si - consigo.

Os três textos que dão continuação ao livro: Nosso Jornal, o Jornal do Povo e A Rádio Nacional tratam o problema da informação que não pode estar separada da formação. É importante ver a relação entre o que se diz nestes textos e o que se vem dizendo em todo o livro no que diz respeito à participação consciente do nosso Povo na transformação revolucionária da nossa sociedade.

Leitura.

Interpretação.

Exercícios orais e escritos.

Aplicação dos estudos gramaticais  
feitos até o momento.

Segue-se agora, como parte de gramática, o uso do pronome que e o uso do pronome cujo, para o que há duas páginas de exercícios.

O que se pretende não é que os educandos memorizem a "lição",



mas, pelo contrário, que percebam o papel que o pronome que e o pronome cujo têm na expressão do nosso pensamento. Isto é que é realmente fundamental.

Leitura atenta das páginas.  
Exercícios orais e escritos sobre  
o emprego do que e do cujo.

Os próximos dois textos falam da defesa da saúde. Do dever revolucionário de defender a nossa saúde, de participar conscientemente nos planos sanitários do nosso Governo, que põe em prática a política de saúde do nosso Movimento.

Leitura.  
Discussão.  
Exercícios orais e escritos.

Aproveitando o conhecimento adquirido em torno do pronome que, mostramos como podemos, com o seu auxílio, estruturar pensamentos mais complexos.

Fazer a leitura atenta desta página (57) e dedicar bastante tempo a exercícios.

As páginas 59, 60 e 61 são dedicadas à avaliação e à planificação da prática. Na última delas, na 61, sugerimos um exercício de planeamento de uma acção. É fundamental que os camaradas animadores, na sua preparação permanente para o uso eficiente deste Caderno, pensem sobre a hipótese de acção proposta. É importante que se realize este exercício e que sejam bem explorados todos os momentos que o constituem: a discussão, a expressão oral, a expressão escrita às quais se deve juntar uma reflexão crítica sobre o próprio procedimento levado a efeito.

O próximo capítulo de gramática, na página 62, discute o advérbio. Na página 63, há um exercício sobre a matéria. Seguem-se ao



estudo do advérbio dois textos sobre o homem novo e a mulher nova. A discussão deste tema implica na discussão de alguns outros que já foram debatidos: a sociedade nova, a acção transformadora, a reconstrução nacional, o processo produtivo, etc.

Leitura, discussão,  
expressão oral e  
expressão escrita.

### TERCEIRO MOMENTO DE REVISÃO.

Estamos chegando ao término do Segundo Caderno de Cultura Popular. Esta é a terceira revisão que fazemos. Nela devemos buscar, tanto quanto possível, uma "amarração" dos temas discutidos, dos conhecimentos adquiridos e aprofundados. Por isso mesmo, toda uma semana deve ser dedicada a esta revisão. Leitura de textos, discussão, interpretação, exercícios orais e escritos; identificação, nos textos, das categorias gramaticais estudadas até agora são sugestões que oferecemos aos camaradas animadores para esta semana de revisão. Que ela seja, o mais possível, dinâmica, rica e criadora.

Na página 66 retomamos a gramática, estudando a preposição. Daí em diante, com alguns intervalos, estudamos a conjunção, a interjeição, a contracção das preposições com artigos e adjetivos e finalizamos com o estudo das vogais e das consoantes. Repetimos que não se trata de memorizar estas partículas, mas de entender o papel que elas têm na expressão do nosso pensamento. Tal qual foi sugerido para o estudo das outras categorias gramaticais, os camaradas animadores devem participar com os educandos na busca daquele entendimento e não fazer um "discurso" sobre cada uma das categorias a ser vistas ou estudadas. Repetimos que o nosso objectivo ao fazer esta introdução à gramática é pô-la ao serviço da expressividade oral e escrita dos educandos, ao serviço de uma forma crítica de pensamento e não "domesticá-los" à memorização de regras gramaticais.



Para concluir o Caderno temos um pequeno texto Ser Vigilante, um texto bem maior, o mais longo de todo o livro, sobre São Tomé e Príncipe e a última página, com a qual procuramos estimular os educandos na sua busca permanente de conhecer mais.

Leitura atenta destes últimos textos, análise cuidadosa do seu conteúdo, exercícios vivos é o que esperamos que os camaradas animadores façam juntamente com os educandos ao encerrar o estudo do Segundo Caderno de Cultura Popular.

A Luta Continua.

A Vitória é Nossa.